

ISBN: 978-65-00-03309-0

3

Segundos.
.
.

Hendrik Wernick

Versão em Português



“O que é verdadeiramente imoral é haver desistido de si mesmo.”

(Clarice Lispector)

A Pablo, por seguir acreditando,
à Sueli, porque já não me restam mais palavras...



“O pensamento é o ensaio da ação.”

(Sigmund Freud)

Índice

Bala perdida	4
Pânico	9
Paralelos	20
Berço político	28
Minhocas	33
Cárcere privado	38
Três segundos	44
Vice-Versa.....	49
O Cappuccino	54
A idade	58
Ego	62
A casa	67
O domingo	72
A presença	77
Esclarecimentos.....	83
Sobre o autor e as obras.....	85
Centro Espírita Fraternidade da Luz.....	87

Bala perdida

*“Você duvida da Lei de ação e reação? Então espere.”
(L. Figueiredo)*

I

Muitas coisas se foram acomodando desde aquela longínqua tarde na periferia da capital. Claro que me mudei, não tinha outra opção. Nem sequer passei para levar dinheiro, roupa, para me despedir de meus primos e amigos. O “Polaco” foi preso e minha fuga desesperada me tirava a última esperança de escapar. Mudei de cidade, de casa, de amizades, de atribuições. A situação se assentou e se acalmou definitivamente desde que meus tios mandaram avisar que o “Polaco” havia morrido em uma rebelião na prisão há um par de meses depois do ocorrido. Mesmo assim jamais pensei em regressar.

Havia sido minha primeira e última incursão no mundo do crime. Nasci na periferia da capital, sem muitas perspectivas, rodeado de gente de diferentes índoles, a grande maioria, boas pessoas. Era um apaixonado pelos carros, pelos motores e desde pequeno ia à oficina mecânica de Don Fazio, a dois quarteirões de casa, para observar como engenhava para consertar os velhos Frankensteins que chegavam enferrujados e remendados, ressuscitando-os diante do meu olhar fascinado. Contava-me histórias, provavelmente fantasiosas, de como seu falecido avô tinha uma oficina na pátria mãe Itália, “onde sim havia verdadeiras máquinas, Maseratis, Lamborghinis, Alfa Romeos”. Ensinou-me tudo. Sempre me encantou a velocidade, era rápido em todos os espaços disponíveis, de estradas vazias até engarrafamentos na capital, sempre ultrapassava, ganhava espaços, distâncias, cada segundo, tomava decisões com variantes de habilidade, precisão, paixão e domínio, algo talvez nato, um conhecimento que era um instinto.

Isso também passou.

O único que não passou desde aquela tarde é esse sonho que para mim já é uma realidade. Quase não me lembro ao despertar, somente quando me olho no espelho antes de sair de casa.

II

«O sonho trata de um homem de uns sessenta anos que nunca vi na minha vida, apesar de saber exatamente quem é. Observo-o como em um filme, leio até seus pensamentos. Está deitado em sua cama. Sabe que já passou do horário habitual de levantar-se. Sabe disso devido aos sons da rua onde até as oito da manhã compõem uma só onda formada por ronco de motores, de buzinas, algum rumor de vozes. Agora escutava ruídos mais isolados e sutis, mais descompassados, provenientes de diferentes

lugares. Distinguia entre o ônibus que partia da parada a uma quadra e meia e a vassoura da vizinha varrendo o quintal no fundo da casa. “Deve ser por volta das nove e meia, dia ensolarado e seco, de vento inconstante que vem do rio”, pensava com o corpo pesado sobre o colchão velho que tentava tragá-lo pelo cansaço, pelo pesar e pela fugaz impressão de ter sonhado com sua falecida mulher.

Levanta-se em seguida porque não quer desperdiçar a manhã, que é quando sente que rende mais, onde tem mais equilibrados o físico, a mente e a alma. Pensa que uma manhã produtiva condiciona todo o dia. Depois da ducha vai até a cozinha, onde faz suas rotinas com parcimônia, esquenta a água, prepara o café, dispersa aromas e tenta lembrar-se do sonho através dessas pontes da memória que trata de atar em inconstantes fumarolas. Não consegue imaginar oportunidade mais propícia para revelações que um café e um cigarro e uma tranquila manhã ensolarada”.

III

Obviamente tive medo, em especial quando o “Polaco” me entregou o calibre 38.

– Para, *che*¹, não tenho ideia de como usá-la. Não sirvo para isso. Eu dirijo, isso é tudo – tentei explicar-lhe.

– Está decidido – sentenciou. Não existe retaguarda sem uma arma. Não há volta.

Sei que era insensato e contraditório, mas rezava à Virgem para que nos protegesse nesse ato ilícito, rogava por minha vida e pela dos demais anônimos que fatalmente estariam na hora e no local equivocados, para que não fosse necessário um só tiro e que tudo pudesse sair como programado. Minha parte era a estratégia de fuga, devido a minha destreza em dirigir, era responsável pela última parte, por levar-nos com as joias e nossas vidas até um lugar seguro.

Chegaram todos por caminhos separados e, a um sinal do “Polaco”, entraram na joalheria. Estacionado na calçada oposta, vigiava a rua, mas não podia ver o que sucedia ali dentro. De repente, notei como um homem se aproximava da vitrine falando ao celular, com bastante precaução. Vi como tirava uma arma da parte posterior da calça e como se posicionava em uma posição estratégica. Era evidente que era um policial à paisana. Não sabia que fazer, não havia como avisar, a única possibilidade seria arriscar-me, abordá-lo com o 38 que me deu o “Polaco”, mas não me atrevia, estava paralisado. Depois de agoniantes minutos, escutei, ao longe, as sirenes, justamente no instante em que a porta

¹ Palavra utilizada para chamar a atenção de alguém ou referir-se a alguém (Argentina / Uruguai)

da joalheria se abria, com os rapazes adiante encaixando as primeiras balas. Vi a cara assustada do “Polaco” que me olhava e me fazia sinais, enquanto descarregava sua arma e definitivamente infundia o pânico generalizado na rua. Corria até o carro, mas um disparo o acertou em pleno joelho. De repente, outro tiro estilhaçou o vidro do carro e passou zunindo pela minha orelha até despedaçar a janela oposta.

– Dispara imbecil – gritava o “Polaco” enquanto outro tiro passava perto.

Desesperei-me, arranquei com tudo justamente na direção do tira que me esperava com a arma em punho e com o rendido “Polaco” no chão, xingando-me do fundo de sua alma. Não tive outra atitude que baixar a cabeça à altura do painel do carro para proteger-me, seguir acelerando e disparar sem olhar. Foram três tiros e quando voltei a olhar metros adiante pelo retrovisor, vi que o policial não se havia ferido. Menos de cinco minutos depois já me encontrava em plena estrada, rumo a nunca mais voltar.

IV

«Mas o mais dramático é uma sequência de imagens que sempre me despertam, tamanha a agonia que me produzem. É um voo de bala rasante que parte de uma janela até acima, filmado de várias perspectivas, com trajetória fixa, reta. Essa linha do acaso é formada por rostos surpreendidos, assustados, indefesos. O voo, inicialmente lento no sonho, ganha altura, velocidade e não se move nem um pelo de seu destino. Ao instante em que a aceleração transmite a sensação de estar próxima da liberdade do céu, se produz uma batida contra o invisível, contra um vidro cujo barulho ao destruir-se me desperta de repente com o coração descompassado, suando».

V

Estou praticamente seguro de que sonhei com Amélia. Tenho essa sensação. Se tivesse sonhado com o passado, com certeza, lembraria de algo. Então, somente pode ser algo novo, algo vivo, um encontro no esquecimento. Talvez, se penso em coisas banais, se relaxo a mente, pode ser que a recordação volte. Além do mais, tenho que apressar-me porque levantei tarde.

Vamos ver, sobrou frango do dia anterior... Posso utilizá-lo como recheio de uma torta, ou fazer um refogado e por que não umas empanadas? Sim, melhor empanadas porque assim Leandro pode levá-las e economiza no lanche de noite, antes das aulas. Creio que não tenho pimentões e que algo me queria dizer Amélia. Estava diferente, não sei. Outro dia sem você, meu amor...

A última pitada no cigarro, acompanhada do último gole de café antes de sair, que bom está! Encanta-me o gosto que permanece no paladar. Bom, *che*, a começar o dia. Primeiro rumo à quitanda da Marta, depois ao armazém de Don Eduardo e... algo mais? A carteira e as chaves sobre o aparador da sala, uma olhadinha no espelho, porque Amélia sempre me dizia para não sair de qualquer maneira. A camisa parece... Ai, que diabos aconteceu? Sangue?!

VI

Nos jornais disseram que o disparo que matou o Sr. Alberto C. veio do 38 do “Polaco”, que levava um igualzinho ao que me havia dado e que joguei ao rio enquanto fugia. Não sei em que acreditar, mas algo me diz que eu o matei. Se não tivesse culpa, não me encontraria preso num sonho do qual acordo cansado e assustado.

Dizem que estava vestindo a camisa, preparando-se provavelmente para dar sua costumeira volta pelo bairro. O tiro entrou pela janela e foi preciso: a vida se foi antes mesmo que pudesse compreender algo. Seu sobrinho relatava que seus olhos sem vida ainda emolduravam seu último pensamento de assombro.

– A polícia diz que foi uma bala perdida, consequência do assalto com tiroteio à joalheria da esquina – dizia seu sobrinho na televisão. – Perdida até encontrar o meu tio. Alguém disparou e fez da vida de um inocente uma mera banalidade.

Afirmou que o pobre, incapaz de fazer dano a uma mosca, nem tomou conhecimento.

– Não faz nenhum sentido. Não entendo Deus – afirmava o emocionado sobrinho até que as lágrimas cortaram sua voz.

VII

Funcionou. Era questão de ficar um tempo dedicado a nada, apagar os pensamentos mundanos para que as recordações do sonho voltassem. Agora Amélia me parece tão real, a vejo claramente. Sua mão me convida, seu sorriso encanta, seus olhos brilham. Sinto certo torpor. Levanta-me com cuidado e me abraça com amor. Tenho muito sono.

– Não te preocupes, Alberto, o sono será reparador. Despertarás ao meu lado, meu amor – me disse e eu acreditei.

VIII

Tento dizer a Deus que nunca tive intenção de matar. Se soubesse que esse seria o desfecho de nossa desastrada ação, com certeza, me renderia antes de disparar. Mas creio que a Deus não lhe importa meus pensamentos, por insuficientes e inconsequentes, do contrário, deveria entregar-me, mas falta-me coragem. Também não acredita em minha inocência, porque desta maneira, não é verdadeira.

Rezo pela alma do senhor Alberto C. Às vezes tenho a torpe esperança de que ele tenha disparado antes, que existiu um tiro prévio em algum momento, em algum tempo, em alguma existência. Caso contrário, a bala segue viva e em algum momento voltará.

Espero-a cada vez que me arrumo diante do espelho para que traga paz a minha atormentada consciência que me mantém encarcerado.

Pânico

*“Em verdade vos digo que de maneira alguma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil.”
(Mateus 5.26)*

I

Crônicas de uma revanche anunciada

Vejo mundos muito diferentes, realidades tão absurdamente díspares que automaticamente geram em mim uma inquietação indomável. Sinto-a no estômago frio, no suor excessivo, no olhar mudo, no coração descompassado. De tantas frentes vêm esses golpes que não há como proteger-se ou ficar à margem, salvo se sofremos outro cruel ataque de covardia.

A miséria humana dá pena. A mediocridade é indolente, os valores são secundários, os pensamentos doentios. Em alguns hospitais, desse e de tantos outros países do continente, não há sequer ataduras ou analgésicos, em alguma esquina nos deparamos com uma arma apontada entre olhos, em alguma favela os animais de estimação serão os de sempre, ratos e baratas.

Tenho uma teoria simples. Os políticos que ganham as eleições, os que teoricamente representam o povo têm que viver como o povo e basta. Suas mansões, seus motoristas, suas facilidades não nos representam. Eles têm que sentir a realidade, viver com aquilo que todos temos, ou seja, serviços médicos públicos, espera de meses por uma consulta, viver na periferia, mover-se em transporte coletivo, levar seus filhos ao colégio público para que depois nos digam se estão satisfeitos ou não. Literalmente têm que se colocar no lugar do próximo, princípio lógico, mas poucas vezes aplicado honestamente, facilmente capturados e sucumbidos no pântano de fétidos egoísmos, ambições e ganâncias.

Ontem este jornal publicou fotos dos lesa pátria que arruinaram nossa rede de saúde em luxuosos iates, onde disfrutaram de férias, aparentemente sem importar-se de que sua tripulação é composta por mortos, o ronco do motor formado por corações que deixaram de bater, o casco de peles comidas e infectadas, o champagne feito de lágrimas desconhecidas e os peitos de suas mulheres aumentados pelos tumores não detectados nas secas mamas de mães ausentes. Os corruptos sabem que assassinam, sabem que condenam com cada centavo desviado, convertido em glamurosas férias, em iguarias deliciosas, em roupa de grife, em plásticas de eternos sorrisos.

A justiça provavelmente não os alcançará, mas já não importa tanto. Aqueles que passam por dificuldades resultantes do caótico sistema de saúde (ou melhor dito: sistema de morte) não os verão atrás das grades. Como se fosse pouco, esses miseráveis doentes que congestionam os hospitais públicos questionarão a existência de Deus diante do sofrimento e da dor, destituídos inclusive da fé. Essa que lhes fará falta aos corruptos, quando despertarem depois da morte em extensos campos semeados de cadáveres, que terão seus rostos e seus nomes, seus frutos falecidos.

Até agora não houve notícia de que a lei universal de ação e reação haja falhado em qualquer canto do universo, nem que para isso seja necessário renascer em corpos carcomidos pelas chagas de todas as dores provocadas.

Não faz falta rogar-lhes pragas. Não creio que terão algum argumento perante Deus.

Crônica publicada por Jaime Martino

II

Não gosto dos jornais ou da imprensa em geral, me fazem enjoar seus modernos recursos, sua verticalidade e velocidade que em qualquer momento podem fazer estourar um escândalo, mudar uma vida, vincular-me a uma gravação oculta, um documento secreto, decifrar um rascunho anotado em minha agenda. Tudo me causava um pouco de vertigem, uma tensão constante que me levava a registrar neuroticamente as câmeras de cada ambiente, os celulares ou qualquer situação presumivelmente suspeitosa, algo que prontamente se diagnosticará como mania de perseguição.

Naquela manhã, li o jornal de maneira desprevenida, uma vez que as manchetes das capas em nada indicavam qualquer sinal de alerta. Mesmo assim, já no primeiro parágrafo do artigo de Jaime Martino, sem uma aparente razão, tive taquicardia, daquelas que se desatam por algum temor em ser descoberto em flagrante em um ato ilícito. À medida que as palavras de Jaime Martino pintavam mortos e enfermos, eu os imaginava jogados nos corredores mal iluminados, macas quebradas, de mãos trêmulas, com sensação de desmaio, pavor e abandono. Lia o artigo e caminhava entre os mortos de Jaime Martino, com suas expressões agonizantes, como as surpreendidas vítimas das lavas do Vesúvio, angústia imóvel, petrificados gritos, pavores calados à força do horror.

Existiam verdadeiramente e eu desfilava diante deles, condenado por seus olhares ausentes.

Parecia sentir seus sintomas, meu coração se acelerava, tinha dificuldades em respirar e, passados uns instantes, já tonto, comecei a suar. Em minha mente martelava um pensamento que, assim o sentia, não me pertencia: *“de nós não te poderás esconder”*. Uma angústia tremenda me envolvia, o peso e o cansaço se apoderavam de mim em pleno escritório. A última imagem que ficou, antes de sair dessa frequência, foi a de uma senhora que tinha um buraco no estômago. Sabia que era por minha culpa e que realmente não teria uma desculpa perante Deus. *“Não terás trégua, por todos os anos roubados”*, voltei a compreender mentalmente, pregado em minha cadeira, sem poder reagir.

Não pude concentrar-me durante todo o dia e tratei de analisar a situação como um fato isolado provocado pelo estresse e cansaço.

– Se voltar a ocorrer, sei que são eles, – afirmei de modo a pôr uma condição ao acaso.

III

O restaurante era bom e relativamente discreto, assim como devia ser. Os três vestiam trajes executivos escuros, cheiravam a perfume importado e tinham gestos acostumados aos ambientes políticos, rostos de expressões que disfarçavam certa zombaria ou desprezo irônico, o verniz da impunidade que os fazia se sentirem superiores.

Como de costume o tema central naquela noite era a política e suas oportunidades, os fios do sistema que manipulavam para garantir seus interesses. Seguiam famintos mesmo que as respectivas contas bancárias os privassem de preocupações mundanas. Mantinham viva a ambição pela velada necessidade de ostentar suas exclusividades com desdém, as vaidades, expostas em frases aborrecidas, em displicentes relógios suíços, sorrisos oportunistas e olhares que evitavam profundidades.

Eram cúmplices e tinham suas regras, sua estrutura e organização. Gerava-se a demanda, repartiam-se os ganhadores, formalizava-se a licitação e lavava-se o dinheiro. Bebiam scotch, pediam lagosta, lembravam-se de orgias e faziam um brinde à lealdade que todos sabiam ser eterna até a primeira evidência concreta publicada. É uma lei sem letras: se um se deixa pegar, agonizará sozinho como um desconhecido jogado no corredor do hospital com falta de leitos.

– Alguém leu o artigo de Jaime Martino no jornal de hoje? – perguntou o número dois, uma vez finalizado o jantar, à espera do vinho do Porto digestivo.

A pergunta caiu mal ao demais que se acomodavam nas cadeiras e respiravam um pouco mais fundo do que de costume.

– É insignificante, não mencionou nada de concreto. Retóricas, teorias, superstições, filosofias, seguramente um frustrado a mais. Pensa que escrevendo pavores contribui com algo – deduziu o número três, tradicionalmente pragmático.

Ao número um estes temas pouco o incomodavam porque não se sentia culpado, não queria mudar o mundo e simplesmente seguia o histórico de conduta que se institucionalizou no país desde os tempos de colônia. Observou os demais e esperou em silêncio, para ver se o assunto se extinguia com a amolada resposta do número três.

– Não sei, de algum modo me afetou. Talvez pelo estilo, pelas metáforas ou pela ameaça invisível do tipo “juízo final” – retomou o número dois visivelmente preocupado, recordando o ataque de pânico que sentiu ao ler a crônica, as imagens que tão pronto não se apagariam, disso estava seguro.

Com gestos calmos, o número três tomou um gole do scotch, ritual antecessor dos bons argumentos, o veludo da voz sedutora:

– Nunca jamais na história deste país se investiu tanto em saúde pública como nos últimos anos e você sabe que fazemos parte disso. Que te digo, *che*? Você conhece os números melhor do que eu. A percentagem que historicamente se cobra não faz nenhuma diferença, você bem sabe, sempre foi assim – respondeu o número três, baseando sua consciência em estatísticas.

O número um se acomodou na cadeira, porque sabia que a argumentação era suficientemente convincente para a ocasião.

– Pense em tua família, em teus filhos, nas pessoas que você ajuda. Você o faz por eles, para que tenham suas oportunidades, para que possam ir atrás de seus sonhos, não é justo fazer o melhor pelos demais, pelas pessoas que amamos? Necessitam de você, contam contigo – arrematou o número um em tom compreensivo, acompanhado de duas palmadas cúmplices nos ombros.

Sabia que esses princípios de surtos podiam gerar debilidades na vantajosa engrenagem que precisava funcionar sem complexos ou hesitações. Para tanto era prodigioso em construir verdades que saciavam a consciência e suas palavras realmente produziram os efeitos desejados e logo notou como o rosto do número dois se relaxava,

como recobrava firmeza em sua postura corporal, com olhar sereno, mais convencido e aliviado. Mesmo assim, decidiu que passaria a observá-lo mais de perto.

IV

As palavras do número dois me haviam acalmado e eu estava confiante de que o ocorrido durante o dia era um fato isolado. De tudo isso, fiquei com o cansaço, me sentia pesado e apesar de não ter tocado na comida, tinha dor de estômago. Encontrei a Márcia ainda acordada na sala de TV. Como sempre, estava impecável e me cumprimentou com um beijo morno, desatenta.

– Temos que decidir onde passaremos as festas de fim de ano – disse-me em algum momento. – Tenho que me preparar, não é o mesmo Punta del Este que Miami, querido...

Era outro mundo. Estava sentada em uma das poltronas enormes em frente à televisão e tomava um vinho branco francês, *“hoje desejava algo mais sofisticado, o patriotismo tem os seus limites”*. Logo me contou algo sobre um novo restaurante de moda (*“é bom, estilo mediterrâneo”*) e de suas amigas (*“creio que Nélida Torres fez lipoaspiração”*). Ambos quase não nos mirávamos e claramente para ela a televisão tinha prioridade diante da nossa intercalada conversa. Perguntei-me se era para *isso* que eu fazia tudo, para essa redoma de futilidades e aparências, para que os dilemas de minha família fossem quase perversos.

Já deitados, o desejado silêncio foi a antecipação do medo e da insônia, e logo se quebrou pelos satisfeitos roncos de Márcia, cuja completa falta de remorsos irritava-me crescentemente. Sabia que a noite seria larga e que *ela* estava aí, presente.

– Você tem razão, estou aqui – parecia responder-me. – Veja, sem pressa, ao pé da cama.

Não duvidei em fazê-lo, apesar de meu corpo me pesar uma tonelada e que custava muito dar volta na cama. Sorria-me friamente.

– Que bom que você me vê. É o que me basta por agora, assim você morrerá pouco a pouco – disse-me sem mover os lábios, com suas vísceras putrefatas, repetidas vezes como um vinil riscado.

Em algum momento dormi esgotado e acordei assustado um par de horas depois, devido ao despertador. Logo, os primeiros goles de café confirmavam que algo andava mal com meu estômago.

V

Havia lhe pedido ao meu secretário Pereira para que fôssemos a um posto de saúde qualquer, sem avisar previamente aos responsáveis, muito menos a imprensa.

– É um político diferente, – explicava Pereira ao diretor do posto de saúde – muito próximo à realidade. Quer ver com seus próprios olhos – concluía proforma, sem crer demasiado em suas palavras.

As deficiências, as necessidades eram evidentes. Faltavam leitos, medicamentos, aparelhos, médicos especialistas. No olhar dos enfermos, a certeza do calvário, a resignação diante da impotência compartilhada pela equipe médica sem recursos, motivados unicamente por algum idealismo particular ou por se negarem a não compartilhar as dores. Todos cansados, buscavam dignidade.

– Senhor Secretário, todos veem para aqui porque necessitam de ajuda, sofrem, têm medo. O que recentemente viram é tudo o que lhes podemos oferecer – disse-nos, ao final, o diretor que, em seguida, foi atender a uma emergência.

Gostei de sua maneira de ser, gostei de sua maneira displicente como me tratou, com certo desprezo e falta de interesse. Não nos pediu nada, pois estava seguro de que nada faríamos. Não deu nenhuma sugestão porque sabia que a prioridade política era outra, porque não acreditava em nós. Se livrou de nós o quanto antes porque lhe dávamos asco, autênticos lobos em peles de ovelhas. A tarde era quente, o ventilador da sala estava quebrado, o ambiente era pesado e agonizante, voltei a suar.

– Vamos, Pereira – lhe ordenei desejoso por ar, por sair o antes possível daquele purgatório.

Andávamos por entre enfermos, desolações e dores, em corredores asfíxiantes, cheirando a medo, enquanto em minha cabeça eu somava dólares, buscava lembrar quanto havia ganhado com os esquemas, quanto sofrimento encheram os meus bolsos. Apertei o passo, afrouxei o nó da gravata. Os corredores me pareciam um labirinto sem-fim e cada doente parecia gritar-me com crescente raiva, acusava-me dando vida ao mar de mortos retratado por Jaime Martino.

“Quantos matei?” me perguntava encurvado pela repentina dor de estômago, necessitando expurgar, cada vez mais desesperado. Via minha cara pálida e suada de culpas refletida na porta automática da qual me aproximava, ao lado do reflexo da senhora com o buraco purulento no estômago, cuja presença terminou de marear-me. Ao instante

em que se abriu a porta minha dor se agudizou e já de joelhos senti fortes câimbras no estômago.

– Assassino! Não suportas ver a tua obra? – gritava-me a senhora advertindo-me de que me faria lembrar disso para sempre, que tinha tempo de sobra e que eu não a poderia comprar.

Ajudado por Pereira, neguei-me a voltar ao hospital e enquanto caminhávamos lentamente até o carro, lágrimas secas escapavam e me humilhavam. Estava indefeso e não tinha esperanças de sair dessa situação. Minha consciência impávida e distante, dizia-me que eu o merecia.

VI

Nas seguintes semanas fiz uma série de exames que, com muito esforço, detectaram um princípio de gastrite, nada que justificasse as dores agudas que me acometiam. Também busquei ajuda psiquiátrica. Escutar-me era, no mínimo, suspeito. Como falar dessa mulher que me acompanha sem passar por louco varrido? Como dizer que os exames não mostrarão nada, porque as dores e a angústia que sinto, em realidade, são as dores e angústias *dela*? Não me atrevi muito em aprofundar-me sobre essa situação, sobre as sensações de pânico e se bem que os comprimidos receitados me estabilizaram temporariamente, não apagaram a existência daquela mulher que, disso estava cada dia mais seguro, morreu por culpa minha.

Sentia-me tremendamente sozinho, sem autopiedade. Não podia falar com ninguém a respeito desse assunto em sua plenitude sem expor os esquemas de corrupção, o detonante psicológico dessa síndrome do pânico. Em uma noite na qual Márcia se encontrava menos dispersa, lhe comentei que via vultos ameaçantes, tateando sua receptividade, que resultou ser superficial.

– Deve ser estresse – disse um pouco incomodada pelo assunto.

E nada mais. O silêncio instalado era devido a sua total falta de palavras capazes de acalmar-me, de explicar-me, de entender-me, de desafiar-me rumo ao enfrentamento de meus medos. Seu papel para sempre seria esse, com limites claros que eram formados por sua aparência, seu lado maternal e a pela sociedade, sua tríade sagrada, seus deuses. Éramos cada dia mais estranhos um ao outro.

Ao psiquiatra também lhe falava com moderação mais sintomas que sentimentos, apesar de acreditar que as informações que passei eram similares a de tantos outros casos

e suficientes para que me passasse a medicação correta. O problema era que eu não acreditava no tratamento, da mesma maneira que um réu culpado que sabe que não terá absolvição, que a condenação virá realmente com a consciência eterna e incontrolável. O doutor poderia receitar-me poderosas pastilhas que regulassem químicas e sinapses, mesmo assim, não conseguia fazer desaparecer a mulher cujo buraco na região do estômago não parava de se inflamar. Vivia dopado e mesmo que tratasse de viver de uma maneira normal, era impossível.

O pânico que sentia era comandado por ela, por suas inesperadas aparições, que suficientemente vezes me deixaram em situação embaraçosa perante outros políticos, minha família e amigos, a ponto de decidir rapidamente isolar-me do mundo, por falta de opção. Meus minutos eram medidos pela ansiedade, meu corpo estava destruído, mentalmente me encontrava desesperado, *mens insana in corpore insano*, tudo se resumia à espera de que ela aparecesse. Sabia que surgiria, que minutos ou dias de trégua eram nada mais que uma tortura psicológica para tirar-me a esperança de que um dia se fosse, de que não existisse mais, porque voltava, sempre voltava e quando o fazia, paralisava meu corpo e me oferecia suas imagens dos mortos do desdém e da corrupção, me fazia sentir suas dores agudas muito similares à apendicite, doença que não deveria ser letal.

– Você tem razão, assassino, mas não havia leitos nem antibióticos disponíveis. Esperei horas por uma ambulância com o apêndice arreventado. Durante o traslado, cada buraco desse asfalto de merda era como uma faca enferrujada que me perfurava a alma. Você consegue escutar o pranto de meus quatro filhos que você deixou órfãos?

O escutei durante a noite inteira, o sigo escutando agora, interminável.

VII

O número um me informou, sem rodeios, e ambos concordamos que não reunia condições para as exigências e riscos do cargo. Em realidade, eu travava a engrenagem e tinham que afastar-me. Exerceria uma posição interna no partido, com menos exposição até que estivesse plenamente recuperado. Estabelecíamos novas distâncias, nem muito próximos, nem muito distanciados. Aliviados, nos despedimos sem recriminações.

VIII

Há um par de meses já não reunia mais condições para resistir, simplesmente capitulava e me entregava, acostumando-me com o passar do tempo a suas acusações, sua raiva e seu controle. Desde que notei que não encontrava saídas, decidi minimizar o dano ao máximo, mesmo que o preço fossem severas restrições.

Deixei de dirigir e optei por um motorista do partido para fazer quase que unicamente o mesmo trajeto entre minha casa e o escritório, com isso garantia minha segurança e a dos demais, uma vez que os ataques de pânico não tinham nem hora nem lugar e, por vezes, quase provocaram acidentes de trânsito. Trabalhava somente em minha sala e delegava o máximo possível, especialmente os atos públicos e reuniões. Socialmente desapareci, fato que não impedia a Márcia de frequentar os ambientes exclusivos (*“não pôde vir porque é workaholic, sempre preocupado pelo bem do país”*). A dopagem dos medicamentos se alastrou aos demais campos de minha vida, reclusa-me em mim mesmo, consciente da depressão até o ponto de adaptar-me a essa nova situação sem perspectivas. Não entendia como da corrupção cheguei à síndrome do pânico, como funcionava o mecanismo, mas sabia que em meu caso, tudo isso apenas passava devido a minha consciência, essa era a porta que abri e por onde se infiltrou o cavalo de Troia que cuspiu os mortos de Jaime Martino.

Por outro lado, devido à quase total solidão, já não me assustava tanto com a minha perseguidora, em realidade, uma das poucas companhias nesses tempos. Sua ferida seguia purulenta e de uma maneira ou outra notava que sua fúria e seu rancor diminuía, não devido a algum ato de caridade ou de trégua, mas porque se contagiava dessa letargia existencial na qual me encontrava.

Também creio que a contagiou a minha falta de resistência e a aceitação de minha condenação, simplesmente me punha de joelhos assim que a sentia próxima e lhe pedia perdão. Ao princípio me tratava com ainda mais desprezo, com escárnio ácido, mas, pouco a pouco mostrava sintomas de fadiga. Meu estado deplorável e minha repetida capitulação desesperançada aparentemente esfriavam sua cólera.

Nos comunicávamos por pensamentos, a via com os olhos da mente e sabia que não se tratava de uma criação de minha fantasia, porque ela atuava independentemente de minha vontade, sorteando suas aparições, suas mensagens, suas acusações. Deduzi que era um espírito, explicação mais factível, baseando-me em minhas pesquisas e estudos alternativos. Onde existia e como existia não o sabia explicar, mas fazia parte de minha realidade, de meu cotidiano. Em uma calorosa noite morta, lhe perguntei por seu nome

(Valéria), mas não o revelei a ninguém porque tinha medo que me internassem (“*agora deu a pôr nome aos seus amigos imaginários!*”).

– Diga-me o que posso fazer por você – lhe pedi com sinceridade.

Mesmo assim, ficava sem resposta, Valéria se calava, quase se apagava. Creio que nem sequer ela o sabia. De inimigos nos convertemos em almas simbióticas, alimentadas pelo sofrimento, nossa condenação, nosso presente. Já não me assustava mais, já não me acelerava o coração, nem me fazia ver os outros mortos, deixei de suar, mas seguia com cólicas. Nos uníamos na depressão, na solidão, sentia que me consumia, tinha muito sono e cansaço. Invariavelmente sonhava com ela, parecia que já me esperava.

– Ao menos você tem a mim... – sonhei um dia no qual ela estava particularmente triste, chorosa, quase indefesa.

Sua ferida fedia horrores, seu cabelo endurecido dava lástima, seu estado era cada vez mais cadavérico, seu hálito assemelhava-se a uma fossa enjaulada por dentes podres. Sem saber que fazer, enxuguei algumas lágrimas suas e a abracei sinceramente. Não ofereceu resistência e esse gesto era como uma fraca luz em meio de nossa escuridão, era uma gotinha de amor sobre corações ressecados.

– Perdoe-me, Valéria, eu sinto muitíssimo – voltei a implorar antes de cerrar os olhos, antes de beijar a sua cinza e fria bochecha, o tardio beijo fétido do arrependimento.

Em seguida, a vi em meus braços, cansada. A embalei, assim como me imagino que o fariam as mães, com o amor original, o sentimento puro de um mendigo. Sem saber como lidar com essa surpreendente situação, nem como ajudá-la, recorri a única inspiração que me veio à mente para aqueles que nunca tiveram o costume de rezar:

– Pai nosso que estais nos céus, – sussurrava-lhe com o coração em pranto, fazendo cafuné em seu cabelo duro – santificado seja o seu Nome...

VIII

Os seguintes dias foram surpreendentes. Nada de náuseas, nada de sua presença, menos angústia, tristeza e cansaço, consegui dormir por três restauradores noites seguidas. A dor no estômago desapareceu por completo, me sentia mais disposto, mais leve, parecia que se havia ido definitivamente.

Assim mesmo, à medida que me sentia aliviado, também permanecia desconfiado e qualquer ruído me deixava sobressaltado e acelerava meu coração. Havia uma porta que permanecia aberta, um alarme que acusava o perigo, apesar de dias calmos. Recuperava

também um pouco da fluidez de raciocínio, o que me possibilitava resgatar pensamentos que havia criado nos últimos tempos e que não conseguia dissecar. A essa altura sabia que o que me unia à Márcia era tudo menos entendimento do amor, que as amizades eram relativas, que a cegueira moral é um conto que não se sustenta diante da crua consciência e, principalmente, que me curava devido a Deus, a sua misericórdia.

Queria mudar muitas coisas, repensar minha atuação política, falar com Márcia sobre sentimentos e com o padre para entender um pouco sobre a fé. Recuperava a disposição e antes de dormir fazia, ansioso, planos para o futuro, apesar de ingênuos e talvez pouco profundos.

– Hahaha! – escutei por detrás da porta encostada. – Eu também tinha planos, imbecil!

Instintivamente, olhei com os olhos fechados ao pé da cama, onde anteriormente costumava encontrar a Valéria, rei morto, rei posto. Creio que me atraiu sua aura de ódio. Era o espírito de um homem ao redor dos quarenta anos, de pele cinza azulada, de coração desproporcionalmente grande e que pulsava de forma irregular.

– Que bom que você me vê. É o que me basta por ora – disse-me sem mover os lábios no momento em que meu coração batia descompassadamente.

Foi o segundo, não me lembro de seu nome, sabia que seria impossível recordar de todos. Sei que também leva meu sobrenome, assim como os demais que vieram depois e os que virão porque, como disse Jaime Martino, “*até agora não houve notícia de que a lei universal de ação e reação haja falhado em qualquer canto do universo*”. Não me queixo, não busco absolvição nem muito menos abandonar a luta. Passaram Márcia, o partido, os amigos, os luxos. Não sinto falta. De certo sei que não sairei daqui até que pague o último centavo. Aguento seus desprezos, raivas, humilhações, somatizo muito dos seus sintomas, vivo dopado e quando lhes falo de Deus, quando rezo por eles e sigo pedindo perdão, muitos chegam ao ápice do desprezo.

– Agora virou crente, assassino de colarinho branco? – perguntava-me com cortante ironia o espírito acusador de turno.

– É tudo o que me resta e o máximo que posso fazer por você – respondo com resignação.

É o único ato verdadeiro que me resta em meio a minha desolação e solidão, a certeza de que Deus não nos nega a oportunidade de pagar para recomeçar. É também meu único argumento.

Paralelos

*“O passado não reconhece seu lugar.
Está sempre presente.”
(Mario Quintana)*

A estrada era extensa e apesar de que a distância entre as cidades agora era mais curta, decidi hospedar-me na seguinte, a que a placa indicava encontrar-se a vinte quilômetros, o suficiente para um cigarro a mais, outro blues e a inevitável lembrança de Fernanda, cujo rosto praticamente se desenhava no céu de chumbo, de saturadas nuvens que pesavam como minha alma. Os vastos campos potencializavam a amplitude e a profundidade do céu, cujo manto de nuvens atuava como um divisor de mundos e os poucos raios de sol que conseguiam perfurá-lo eram verdadeiros canhões de luz a iluminar o cenário da cidade, carregada de elétricas memórias e efêmeras sombras que buscavam camuflar-se junto ao entardecer. Por cima da capa de nuvens se delineava outro mundo, de regeneração e de infundada esperança, de pinceladas de variados tons de amarelo, laranja, rosa e violeta, no céu que ainda se banhava em sol.

– Inalcançável como o infinito – suspirei, provavelmente pensativo.

Chegava ao momento preciso onde o sol se punha e seguia repercutindo minutos depois, armando uma silenciosa batalha de sombras inclinadas por calçadas, paredes, janelas que ganhavam terreno da luz, que retrocedia sem espanto nem desespero. Notava-se que a pacata cidade tinha história, que em algum momento viveu um apogeu econômico que logo não soube perpetuar, mas que deixou marcas em seu decadente rosto de paredes descascadas, de casas de janelas fechadas, alguma antiga fábrica abandonada, obras fiéis a detalhes e linhas arquitetônicas clássicas que resistiam à passividade do tempo, custodiadas por árvores seculares.

A balbúrdia cotidiana da rua se concentrava quase que unicamente na avenida central e mal chegava às ruas próximas pelas quais decidi transitar, algumas ainda atadas ao passado por fios quase tangíveis, claramente imaginados, embevecidas do silêncio e da modorra que necessitam para manifestar-se, como se os ecos e passos remotos lhe pudessem algum dia devolver a saudosa altivez. Também me senti tocado pelos seus aromas que decifrava feito enólogo, aromas que formavam e despertavam memórias: ali o ar cheirava a campo, terra, trigo, feno, chuva, excrementos de animais, diesel, comidas e cozinhas quentes, cheirava a passado, à nostalgia, a tempo parado. Em sutis ondas me senti repetidas vezes transportado para outro tempo, a uma Cidade Paralela, algo me agradou, necessitado de outras realidades.

Inexplicavelmente algo por aqui não me era indiferente. Sabia que minha condição emocional não era muito estável, que a situação com Fernanda e algumas recordações atadas me sobressaltavam e me fatigavam mentalmente, apesar de que, desde a minha partida tratava de os diluir na imensidão do campo, na estrada de poucas curvas, no vento constante, na música e nos cigarros, o suficiente para proporcionar estabilidade e distância. Não obstante, já nas primeiras ruas da cidade tive a sensação de entrar em uma dissimulada armadilha que me seduzia com sua familiaridade, como se abrisse imensos braços para festejar meu regresso para logo sufocar-me em seu abraço de serpente, em seu pecado original que fazia circular seu veneno em meu sangue e oferecer-me sem forças para resistir ou compreender.

Cheguei à prefeitura situada em frente à catedral, separadas por uma praça formada por um quadrado, com arcos simétricos em cada lado e com a estátua do Libertador em seu centro. Meus olhos eram atraídos aos detalhes: se por um lado deixava à margem qualquer construção mais moderna, eram as árvores da praça, a bilheteria do teatro com seu café no piso térreo e suas fotos em branco e preto, os trilhos em desuso dos antigos bondes, os paralelepípedos, os sinos e vitrais da catedral que me provocavam desassossego. Contemplava as escadas dela e via um velório na Cidade Paralela, olhava o piano decorativo do café e escutava música de salão e, quando, por fim, me encontrei frente a outro antigo edifício, a duas quadras da Catedral e confirmei que se tratava de um colégio de padres, ali, na Cidade Paralela, um clérigo com dedo em riste, ar enfadado e mirada severa, gritava repetidas vezes para que nenhum moleque se atrevesse a esquecer:

– São Caetano, o santo da providência, patrono do trabalho e do pão...– referindo-se ao nome da instituição, confirmado por uma placa mal iluminada por uma luz amarela.

Já não sabia se via a cidade ou se a recordava simultaneamente, provavelmente ambas as opções. Era o passado que já corria por meu sangue, eram as vozes de outrora que por alguma razão seguiam aí a minha espera. Começava a escurecer e decidi buscar um hotel. O encontrei de imediato (Gran Hotel), a três quadras, perto de um antigo sítio, que agora foi adaptado para servir como Museu Etnográfico. Em todos os caminhos que recorria parecia que eu chegava atrasado, que pisava o passado, como se a cidade me estivesse aguardando há meio século, com seu cenário interativo e inerte, seus diálogos e detalhes secretos, como se me conhecesse e estivesse me observando, antevendo meus passos, minhas inquietações. Definitivamente estava alerta, não sentia paz e o surreal da situação, tão fascinante como inexplicável, não tirava a aura de destino, de fatalidade. Passaria o mesmo à Fernanda?

A lembrança dela não me fez bem, deixava-me mais agitado e ansioso, destapava aquele baú de sentimentos tão contraditórios como seu alívio ao ver-me partir e suas lágrimas por um amor que talvez não voltará, mas cuja iminente distância, por ora, ao menos lhes dava paz, um triste descanso. E, junto dela, Alonso, seu olhar triunfal ao ver que partia, bem dissimulada perante Fernanda, pouco depois de seus gritos desesperados, de sua fingida cara de terror na qual se notava o brilho do ódio, seus olhos que esperavam meu descontrole, minha incontida raiva que já o sacudia por completo entre minhas mãos, ansioso a que me atrevesse a mais para, definitivamente, condenar-me.

A oportuna aparição de Fernanda, possuída de uma força sobrenatural que me travou os punhos descontrolados, nos salvou a todos ao derrubar-me física e moralmente, o suficiente para que Alonso escapasse, para que me preservasse do futuro arrependimento, assim mesmo, insuficiente para restaurar a confiança que se rompia. O último fio de esperança era a dor que nos oprimia, que fazia tremer nossos corpos abraçados, saber que mais além do nosso amor, a sombra de Alonso parecia ser maior que minha débil luz interior. Ele despertava meu lado mais escuro, tão negro como a cegueira, tão insensato como um crime.

Necessitava espairar e decidi buscar um lugar para jantar após um bom e frio banho. Sempre gostei de locais mais simples, de comida honesta e bem servida. Encontrei um restaurante de aparência modesta e antiga, à meia luz, com móveis de madeira, toalhas de mesa de linho com desenhos em forma de quadrados vermelhos e brancos, a decoração das mesas se resumia a azeite, vinagre, sal e pimenta, sem música ambiente. Fui atendido pelo dono, um senhor de uns setenta anos que logo me assegurou, um pouco ressentido pela pergunta, que o prato e o vinho da casa não me decepcionariam. Esperei olhando a noite pela janela, negra companheira, exposta aos ventos que com determinação varriam os poucos transeuntes das ruas e anunciavam a tormenta, faziam balançar os cabos dos semáforos pendurados no cruzamento e que criava pequenos redemoinhos de folhas secas e pó, que se dissipava com a mesma velocidade com a qual foram criadas.

O ambiente externo contrastava com a calma do restaurante quase vazio, com o agradável calor de seu interior e, principalmente, agora me dava conta, com o sabor do tinto que me acolhia, me convidava a observar essas cenas cotidianas e agregava aos sentidos um bem-estar que envolvia meu espírito. Quando, por fim, serviram o prato da casa, já os aromas me seduziram antes que meus olhos se espantassem. Diante de mim havia um saboroso bife de chouriço, acompanhado de um suculento molho de framboesa e batatas a provençal, idêntico a uma deliciosa receita de Fernanda.

Pensei em ligar para contar-lhe o ocorrido, dizer que era outra de tantas coincidências desde que cheguei à Cidade (Paralela), que poderíamos tratar de descobrir juntos o que poderiam significar esses supostos sinais (Fernanda era convicta de que Deus se comunica conosco partindo de um emaranhado de charadas), brincar com as probabilidades, deixar-nos levar até aqueles lugares onde sorríamos, onde nos divertíamos e confiávamos, onde sabíamos que éramos felizes. Todo um universo nosso, onde a ausência de Alonso era sinal de irrealidade, do sonho morto.

Sem que tivesse pedido, o Senhor Mauro me trouxe uma sobremesa (“Postre Vigilante”), deliciosa, composta por uma fatia de queijo Pategrás com outra de doce de marmelo.

– É herança dos antigos donos – comentou ao pé da mesa. – Antes do ocorrido, por aqui funcionava uma cooperativa leiteira.

Agora me dava conta que havia alguns indícios sobre o passado, umas placas e utensílios velhos e, perto do caixa, fotos em preto e branco. Viam-se uns carros de boi repletos de leiteiras, parados diante do armazém com os típicos letreiros. Em outra, apareciam senhoras coalhando leite, separando soro, curando queijos. Ao lado, encontrava-se emoldurada um artigo de jornal que mostrava um casal ao redor dos quarenta anos que recebia uma placa comemorativa das mãos do vice-prefeito.

– Foi no mesmo dia em que tudo veio abaixo – disse o senhor Mauro que me observava. – Sempre penso que, na foto, já se anunciava a tragédia.

Ao princípio me parecia mero comentário para parecer-se entendido, mas dando uma olhada mais meticulosa, creio que alguns detalhes lhe davam razão. Os rostos do casal eram sérios, não coincidiam com o evento festivo. Pareciam perdidos, deslocados, de sorrisos frágeis. Não olhavam para a lente da câmera: ela olhava para baixo, rosto protegido por um chapéu, enquanto ele tinha um olhar evasivo, perdido, como um motorista em uma interminável estrada reta que, por momentos, se ausenta do presente. Contudo, havia algo de sombrio na foto, algo que a conferia esse ar de tensão, igual ao céu, quando cheguei ao fim desta tarde, um mau presságio com a magnetizadora força de um ímã que atrai, teimosamente, o aziago destino.

– Você também o sente? – perguntou-me o senhor Mauro com o troco em mão.

– Há algo de nefasto na foto, mas não saberia dizer o que é – coincidi.

– É o olhar do irmão – disse enfaticamente o dono do restaurante apontando a um homem ao fundo da foto.

Realmente, a poucos metros do casal aparecia, quase despercebidamente, um homem que a olhava com brilho nos olhos, uma faísca conhecida repleta de inveja, crueldade, poder e ódio. *Era Alonso!* Não pude acreditar. Assustei-me porque não sabia o que fazia Alonso naquele lugar, naquela época, na Cidade Paralela. Não importava que os traços fisionômicos de ambos provavelmente não coincidiriam: o olhar era igual, era o mesmo que me deixava descontrolado quando o dirigia a mim, dissimulado e provocador ao mesmo tempo, de silenciosa e triunfante evasão.

A sensação era agonizante, sentia-me numa emboscada invisível, manipulado por situações fora de meu alcance, surreais. Voltei caminhando pela cidade agora maldita, quase deserta, o vento incessante parecia trazer-me ameaças, como o tambor do inimigo pela noite, insistente, demonstrando que estava aí, que Alonso se preparava, que se fortalecia. Era o passado da cidade que, de alguma maneira, me assediava, que desde o princípio passeava pela minha mente por rincões, ruas, cheiros e ruídos para, de repente, já seguro do meu ingresso na Cidade Paralela, levantar seu pesado punho e olhar-me na face com os olhos de Alonso, para sangrar a minha máscara, fazer emergir essa incontida raiva diante de Fernanda, entregando-lhe minha confissão, meu verdadeiro caráter.

“Não quis ser assim, não quero ser assim” lhe disse ao sair de casa e o repetia a mim mesmo enquanto caminhava com passos vacilantes pela cidade e seus fantasmas despertados, que, se não me devolvesse aos pés de Fernanda, banhado em perdão, ao menos já não deteria meu impulso de matar Alonso e seus tentáculos, matá-lo repetidas vezes até que o ato me esgotasse, até espremer de meu veneno o antídoto, até saciar-me do prazer homicida para compreender sua inutilidade. Tive insônia, chorei com real pesar, com vergonha.

No dia seguinte, me dirigi diretamente ao jornal da cidade e logo após apresentar minhas credenciais de jornalista, tive a minha disposição seus arquivos históricos que retratavam a tragédia dos irmãos Villar. Tratava-se de um crime passional de grande repercussão, confessado no tribunal por Alonso, então conhecido por Augusto, altivo e sem traços de arrependimento, segundo os jornalistas da época. Dizia que Laura e Facundo o haviam traído, que ela era sua prometida desde que, em uma “inesquecível e eterna tarde” de sua infância fizeram um pacto de sangue por uma futura união. Aparentemente não respondia a demais perguntas, tudo o que dizia era: “Laura me pertence e as dívidas de sangue com sangue se pagam”.

A condenação também se baseava em um suposto tratado científico do doutor Hubert Klein, um excêntrico imigrante alemão que se radicou na cidade ao fim do século

XIX, que incluiu o caso em seu “Tratado experimental da Esquizofrenia e das Personalidades ocultas”, cujos dados, matizes de comportamento, subdivisões de personalidades eram misturadas com a mesma naturalidade e atrevimento com “bruxarias, costumes ancestrais de um povo subdesenvolvido, suspeitas de excesso de carne vermelha na alimentação e alinhamentos planetários”. Agregava que suspeitava que existia uma relação direta entre os surtos psicóticos e o constante vento da região, capaz de produzir insônia crônica e altos níveis de ansiedade, comprovados nos posteriores anos de reclusão de Augusto (Alonso), nos quais permanecia em um estado mental duplo e simultâneo, que se resumia à obsessão por Laura e aos constantes ataques do falecido Facundo, comprovadamente morto e sepultado, mas que, segundo o enfermo, “seguia vivo com minha faca cravada em seu estômago”.

Para mim estava claro que as imediatas cólicas que senti na região da facada eram psicossomáticas, estavam correlacionadas. O que me espantou foi o seu impacto. Cheguei ao banheiro ao ponto de desmaiar, encurvado, agarrando-me a barriga, da mesma maneira que Fernanda quando me dizia com medo, entre náuseas e incertezas, que estava grávida. Havíamos-nos recém-conhecido, eram os nossos primeiros meses, nossos primeiros sonhos e, logo, a inesperada notícia.

Ajoelhado, diante da privada, estava desesperado para vomitar, para expurgar aquilo que sentia crescer em meu estômago, mas tudo o que saía era baba e bÍlis. Parecia que minhas golfadas eram emocionais, que eram confissões.

– Não o quero, não o quis, – dizia-me Fernanda nas muitas crises de choro que tinha desde a gravidez –, mas sinto culpa por ser assim.

Rejeitou-o ao nascer, “depressão pós-parto” diagnosticaram os médicos. Alonso apresentou baixos índices de açúcar e eu me tranquei e evitava estar em casa, sempre fria. Por alguns anos foi assim, Alonso sempre limpo, bem alimentado, sozinho. Eu quase enlouquecia porque sabia que era injusto, que o menino era inocente, mas até calado, com apenas um olhar, já me incomodava e me distanciava. Quase não o tocava.

Mas, ao garoto, pouco lhe importava e mal fazia caso. Poucas vezes chorava e quando decidia fazê-lo, em especial, nas noites em que Fernanda e eu nos dedicávamos a nossa intimidade de casal, seu choro vinha da profundidade de sua alma, no quarto ao lado, um pranto que não era de fome nem de dor, mas que era capaz de nos estremecer, de atacar nossa libido, de infiltrar-se em nossa mente como uma trava. Em uma noite assim começou a verdadeira fratura. Fernanda e eu sabíamos que nos buscaríamos, entre galanteios e provocações, o vinho tratava de bloquear pensamentos e soltar fantasias e

desejos. Contudo, era uma força descomunal, enquanto eu a desnudava, os pensamentos já me invadiam, sentia que Alonso no berço, separado pela fina parede do quarto, se intrometia, que, inconformado e enfurecido se agitava com pernas e braços. Desesperado eu me perdia, evitava os lindos seios de Fernanda porque ali o encontrava, com voracidade, mergulhava em seu ventre de onde saiu e lutava com mil imagens. Também a sentia desesperada, distante e esforçada, mas enquanto tentávamos nos resgatar, ouvíamos o primeiro berro, o princípio do pranto, o suficiente para sentir que Fernanda também travava, que seu pensamento já não era de desejo, que o ar de sedução era cortado por sua presença, seu rancor, o anticlímax total.

Naquilo sucedeu pela primeira vez. Desmoralizado e flácido, entrei em seu quarto, me aproximei do berço e o sacudia freneticamente, lhe gritava. Não chorava, nem se queixava. Olhava-me com esses olhos de Alonso, de vitória, de satisfação, desafiante até que Fernanda se acercasse, momento nos qual berrava a todo pulmão e somente sossegava nos braços da mãe, triunfante. Se ainda não sentia o amor de Fernanda, o desgraçado (“que digo?!”, me censurava) encontrava a porta do instinto materno e pouco a pouco, sob o disfarce de indefeso, fazia um espaço em seu coração.

Creio que, a partir dessa cena, o remorso de Fernanda e o fato que eu me ausentava muito de casa, imperceptivelmente, no convívio, os aproximava. Alonso lhe fazia companhia, se comportava bem e instintivamente desenvolveu uma intuição precisa para fazer-se presente, sentir os estados de ânimo de sua mãe e de conquistar-lhe o carinho e a confiança em silêncio. Repetidas vezes os flagrei em momentos de carinho, cada vez mais frequentes e abertos. Entretanto, comigo tudo era descarado fingimento, era impressionante que um garoto tivesse esses olhares e expressões quase adultas, como se por trás do papel de inocência e meninice se escondesse um velho rival.

Refiz-me, mesmo que fosse por puro abatimento. Ganhei outra vez as ruas da Cidade Paralela e meus passos me conduziram até a Catedral, cabisbaixo, fugindo de qualquer espelho, porque temia que éramos iguais. No fundo entendia que a raiva incontida em meu olhar ao sacudi-lo no berço era a mesma de Augusto na foto preto e branco, éramos feitos do mesmo sentimento, eu também sou Augusto, também sou Alonso. O garoto também é Facundo, o irmão morto, também é eu, carne de minha carne.

Chorei ao me lembrar do menino, tentei evitar ao máximo porque costumavam ser momentos de rancor, vergonha, como era possível não amar a seu filho? Contudo, pela primeira vez, chorei de alívio, por finalmente entender o porquê de ser assim, o porquê de sentirmos essa repulsa mútua, por que nos tratávamos como inimigos.

–Tem que dar amor, tentar sem fim – pedia ou explicava-me Fernanda tantas vezes.

Chorava, porque pela primeira vez acreditei que seria possível amá-lo. Senti a solidão de Augusto por sentir-se rejeitado, senti minha culpa por esfaquear seu sonho, o próprio irmão, agora compreendia Alonso, sua relação com Fernanda. A Deus lhe explicava, em um canto da catedral, que não sabia como fazer, como aproximar-me, como fazer-lhe entender a Alonso, que o perdão muda tudo e que estarei para sempre ao seu lado. Olhando a cruz no altar, senti uma profunda paz, que lentamente me envolvia, era como um abraço de Pai. Com gosto e confiança entregava-me a essa sensação como uma criança, senti-me acolhido, compreendido, a silenciosa vibração de paz e de amor me confortava e sustentava.

Era tudo o que necessitava, era tudo o que queria transmitir a Alonso, fazê-lo sentir no coração que ninguém chega ao Pai se não for pelo Filho.

Berço político

*“O homem que se vende
recebe sempre mais do que vale.”
(Barão de Itararé)*

No total eram quinze pneus (número ímpar) que, desde cedo, antes das aulas, estava à disposição de todos, desde o primeiro ano até o quarto. Pelas manhãs, o ritmo diferia com relação ao recreio, falávamos sobre os programas de televisão, sobre as partidas de futebol que muitos com certeza não viram porque seus pais os colocam para dormir às nove, mais tardar. Também costumamos estar ainda sonolentos e às vezes discutíamos sobre as tarefas de casa. A disputa dos pneus é uma guerra não oficial no colégio, já antes da época de Gustavo, meu irmão maior, que já tem quatorze anos. Distribuem os pneus a qualquer um antes da primeira aula, servem de roda, de aro, de amarelinha, os mais diversos usos. Devido a isso, ao chegar o recreio, estão esparramados pelo pátio (nunca sabemos a disposição, é o fator surpresa) e, como somos obrigados a guardá-los antes de retomar as aulas por decreto da diretora, em algum momento, se iniciou a disputa entre as quartas séries para saber quem conta mais pneus ao fim de cada recreio, cada grupo em seu forte.

Já no ano passado, apesar de estar apenas na terceira série, participava como convidado, uma vez que Pablo sabia que eu era rápido na corrida, bom de drible e, além do mais, era irmão de Gustavo, um dos melhores que já passou por aqui. Por outro lado, havia uma corrente, em especial, na minha classe, que afirmava que eu participava unicamente por ser irmão de Gustavo, porque nossos irmãos eram amigos. Outra fofoca conhecida era de que eu o subornava com alfajores de minha vó, o que não correspondia à verdade. Creio que a razão principal para esse tipo de comentários era a inveja, porque muitos de minha classe me esperavam para saber como foi a batalha do dia, como defendemos ou atacamos, se eram fortes, se haviam soltado algum palavrão, se algum professor teve que intervir. Eu lhes contava os detalhes e, especialmente quando sentia a presença de Eloísa, agregava mímica, aumentava os fatos e às vezes simulava um machucado valente.

Meu ano de convidado foi difícil, bastante parelho nas disputas, e o mais destacado nas disputas era Alberto, o oponente de Pablo. Era nascido em janeiro e, por conseguinte, era o mais velho entre todos. Também era forte e assegurava que tinha aulas de judô, da mesma maneira que dizia que conseguia ficar mais de um minuto debaixo d'água, que já havia fumado uma vez um cigarro que roubou de seu tio e que a torcida La

Doce do Boca “era puro sentimento”. Não acreditava em tudo que contava, entretanto, era evidente que causava impacto nos demais, também nas meninas, cada vez que desde seu forte, de frente para os balanços onde Eloísa se reunia com as demais meninas, declarava sua vitória ao final do recreio. Costumava soltar cantadas para as meninas, quando descia seguro e sorridente, com andar milongueiro até o prédio da escola, ignorando por sorte a Eloísa, Flor e Petra, já que historicamente as da terceira série eram consideradas muito infantis pelos do quarto ano.

Para mim foi um bom ano. Ganhei em experiência, em noções táticas, fisicamente crescia e era respeitado na minha classe. Muitos já me viam como líder natural das disputas do seguinte ano e a verdade é que isso me ilusionava bastante. Eloísa também se mostrava mais acessível, descobrimos que nossos cachorros eram da mesma raça e conheciam bastantes truques, que éramos igualmente estranhos para os demais porque gostávamos de matemática, mas não concordávamos sobre qual batida de leite era o melhor, o de morango ou de chocolate. Nas aulas, quando a professora escrevia algo na lousa, eu a buscava com o olhar e pronunciava sílaba a sílaba para que pudesse ler meus lábios:

- Cho-co-la-te... – lhe dizia em silêncio, de sobrelanceiras erguidas, sorrindo.
- Não, não, Matías, mo-ran-go... – respondia jogando charminho.

Sim, definitivamente era um bom ano e em nenhum momento dava algum indício sobre o que estava por vir. Primeiramente, o boato não soava muito grave, logo alguns garantiam que se aproximavam as semanas decisivas. Por fora, Alberto não demonstrava nenhuma preocupação, de seu círculo mais próximo asseguravam que o estavam perseguindo e da secretaria vazou que tinha que se considerar a sua situação familiar, de pais recém-divorciados. O início das férias foi de incertezas, estávamos longe da escola, alguns já viajavam, as notícias eram imprecisas, mas a terrível confirmação, a que tinha força para derrubar meus sonhos, meus planos, não tardou em chegar: Alberto havia repetido de ano!

Sempre existia a dúvida se faria parte da 4º A ou da 4º B, se bem que nenhuma das opções era vantajosa para mim. Se fôssemos da mesma equipe, ofuscaria o meu brilho, se fosse da 4º B, que já contava com Carlitos e com o Papa Léguas, ficariam fortes demais, vergonha quase certa. Sabia que não havia tempo a perder e decidi consultar a Gustavo, uma vez que em situação de crise, a opinião daqueles que já estiveram ali não devia ser menosprezada. Entre Natal e ano novo nos reuníamos todas as noites para “discutir estratégia”, como dizia. A única condição que punha era a de que eu devia estar

de banho tomado e de pijama. Primeiramente me pediu dados, armou as possíveis equipes, desenhamos o pátio, queria saber se os meninos eram valentes, fortes, se tinham pontos fracos, entre tantas outras coisas. Eu fazia um esforço bastante grande, lhe mostrava meus dribles, aprendia outros porque segundo Gustavo, contra a força apenas a velocidade servia. Mamãe também foi muito importante naquela época porque, quando notava que, passadas as dez da noite, a luz do meu quarto seguia acesa, trazia sanduíches ou salgadinhos, acompanhados de leite quente, que sempre nos dava um ânimo extra para seguir por meia hora mais, para então ir dormir. É outra coisa que aprendi com Gustavo, que os guerreiros têm que dormir bem, precisam descansar para poder dar tudo.

As primeiras semanas foram para se esquecer e Alberto reinava absoluto. O recreio era um caos, todos corríamos na mesma direção, deixávamos francos desguarnecidos e em alguns um contra um, a presença de Alberto desequilibrava. O pior momento foi quando deteve Eloísa depois de outra vitória para entregar-lhe o boné de Lucas, que havia afanado em uma das disputas por pneus.

– Por favor, entregue o boné ao Lucas – disse com certa picardia e falsa benevolência no olhar.

– Te faço o favor, mas não abuse – respondeu dando certa bola.

– O que tem dentro é para você, por ser tão linda – rematou ao pé do ouvido (fonte segura: Eloísa contou à Flor e a corrente passou por Jimena, Frederico e Juan até chegar a mim) e enquanto lhe dava as costas, o olhar de Eloísa permanecia suspenso no ar, nesses segundos em que ela não sabia o que fazer, onde, com certeza seu coração se acelerava, a vergonha e a alegria a dominavam até que Flor e Jéssica a tomassem pelo braço, rindo. Soube que no boné havia dois bombons e um papelzinho, nada mais.

Estávamos perto da desmoralização e com Gustavo sabíamos que somente um grande ato podia atenuar os danos. Disse-me que ia buscar algumas informações e depois de dois dias veio com um plano, que discuti com os meninos pela manhã, e decidimos que sexta-feira seria o dia do ataque. Resistimos ao máximo que podemos e quando faltavam dois minutos, jogamos a isca. Eram intempestivos, estavam as meninas para impressionar e não duvidaram em assaltar o Juanito e o Rubén, que estavam vigiando dois pneus no cercadinho, todos queriam ser heróis de uma vitória histórica. Enquanto isso, os demais escapávamos às escondidas com os pneus que sobravam do outro lado e atacamos a torre, totalmente desguarnecida e também subornada (não darei nomes, nem formas). Foi o tempo exato para que tocasse o sinal indicando o final do recreio. Tenho a imagem como uma foto em minha mente: encontrava-me ali, conquistando a torre do

forte inimigo, enquanto Alberto, nesse instante, diante de muitas testemunhas, buscava sair do cercadinho onde se encontrava preso.

“...Seeeeis, seeeeete, oooooito...” contavam os garotos diante desse feito histórico e eu buscava a Eloísa, que surpresa nos olhava, jamais fui tão feliz. “Ooonze, doooze e treeeze!” – Gritamos e não podíamos acreditar, treze a dois, uma das mais espetaculares goleadas de sempre, assim assegurava Gustavo quando lhe contei do sucesso pela tarde.

Na semana seguinte, fingimos desinteresse e ficamos jogando futebol ou queimada com as meninas, sem arremessar com muita força, claro. De vez em quando, por sugestão de Gustavo, nos reuníamos e fazíamos uma recorrida pelo pátio com cara de entendidos, fazíamos desenhos na terra com possíveis táticas. A ideia, segundo Gustavo, era insinuar que tínhamos outros surpreendentes planos e, obviamente, esticar os atuais momentos de glória. A única coisa da qual me alertou Gustavo é a de que fôssemos discretos, nunca é bom tripudiar de um rival porque nunca se sabe o dia de amanhã.

–Matías, amanhã, diga que você quer falar com ele a sós, depois da aula – instruí-me Gustavo pela tarde.

Logo me contou que soube por intermédio de uns amigos que Alberto às vezes ia dormir na casa do Pelusa. Ocorria nas noites nas quais seus pais discutiam, de alguma maneira, a mãe do Pelusa sempre cuidava de Alberto, até que ele pudesse voltar para casa. Ficou sabendo que Alberto fazia xixi na cama. Sabia que era desmoralizante, mas no momento senti pena.

Gustavo prosseguiu que era necessário um acordo, porque na verdade o 4º B era mais forte e seria cada vez mais difícil surpreendê-los. Tinha razão e desde que senti o que era ganhar, queria viver isso sempre. Explicou-me como seria possível e, enquanto o fazia, eu duvidava se realmente Gustavo teve essas ideias nesses dias ou se ele, um dos maiores do Jogo dos Pneus, já se havia utilizado de subterfúgios semelhantes.

– Você tem alguma fraqueza? – questionou-me Gustavo e eu decidi calar-me sobre Eloísa.

Encontramo-nos em um quiosque a uns quarteirões da escola, quando todos os demais já haviam ido. Por sugestão de Gustavo, o convidei para um refrigerante e falamos um pouco sobre amenidades, as aulas e o futebol, até que o tema predominante passasse a ser o Jogo dos Pneus. Ele me falava de força e eu de velocidade, fazia referência à coragem e, eu, à estratégia.

– Sei o que te acontece na cama na casa do Pelusa – comentei e tudo o que lembrava era que Gustavo me dizia que eu não podia desviar o olhar. Não tardou muito, pois logo abaixou o seu. Tive vergonha.

– Nós ganhamos três na semana, as demais são de vocês. Meu silêncio está garantido, te dou minha palavra de honra – propus ao final.

– Assino o contrário: três vitórias nossas e te deixo a Eloísa, se você me ajudar com as provas de matemática – contra-atacou astutamente e agora quem não podia suportar o olhar era eu.

A cada semana voltávamos a nos reunir e cada vez mais aperfeiçoávamos o esquema. Tudo foi planejado e combinado a tal ponto que Alberto inclusive ganhava com “surpreendentes” estratégias da mesma maneira que eu conseguia “desvencilhar-me” dos inimigos para salvar aos meus que estavam presos, entre tantas outras cenas. Divertíamos-nos bastante em casa e mamãe nos trazia refrescos e cachorros quentes. Uma tarde eu lhe perguntei se Alberto podia dormir em casa, em caso de seus pais brigarem à noite, já que Alberto não queria mais incomodar a mãe do Pelusa.

– Claro que sim, querido – concordou dando-nos um beijinho na bochecha.

Foi um dos anos mais parelhos até agora na disputa dos pneus. Ambos conseguimos vitórias épicas e nunca ficávamos expostos. Na escola fazíamos jogo de cena, monopolizávamos as atenções e entramos na história. Tudo combinado, estudado.

“Segue os passos do irmão maior, eis a importância dos bons exemplos” dizia-me o professor de educação física enquanto de Alberto, as professoras destacavam a importância que dava à ética, sempre condescendente e generoso com os demais.

– Os dois são líderes natos, de naturezas tão distintas, mas que se completam – concluiu a professora responsável pelas quartas séries, ao finalizar sua avaliação na reunião de fim de ano.

– Acredito que estamos de acordo que quem ganha é esse maravilhoso país, com a pujante geração de Albertos e Matíases que vemos surgir, capazes de dialogar para determinar o brilhante destino de nossa pátria – selou a diretora, quase tomada de emoção.

Minhocas

*“Os olhos do espírito só começam a ser penetrantes
quando os do corpo começam a se debilitar.”
(Platão)*

Pôr e tirar a maquiagem é um ritual diário da verdade que cada vez mais parece ter um significado mais profundo, um sentimento de descobrimento, de assombro, contra o qual não vejo nenhuma defesa possível. Aparecem olheiras, rugas, papada, algumas artérias e manchas afloram em minha fina tez, já esticada ao máximo e que não coincide com meu corpo de senhora, as dores nas articulações, o metabolismo mais lento, as carnes e a pele que sucumbem à flacidez. Não sei se o que me entristece é a solidão, porque creio que esse é o destino comum da velhice, a casa e o quarto frios e vazios, o peso do silêncio, o olhar cada vez mais ausente ao qual volto por simples inércia, sem saber para quê.

Sigo linda, sem falsa modéstia, mas sou linda para a minha idade e, na verdade, já não fascino a ninguém. Me sinto perdida, deslocada, sem argumentos. Não suporto nem tenho paciência para as conversas sobre filhos e netos, de viver a vida de outros, de aceitar que meu futuro não terá nenhum protagonismo, que cada relação pessoal passe a ter um crescente tom de caridade, de insignificância o de confirmação a respeito do ocaso. Deveríamos morrer jovens, cada manhã o entendo melhor porque refugiar-me no passado e desesperar-me pelo futuro são dois caminhos que levam a mesma desolação.

Olhar para trás dói tanto como olhar-me no espelho, porque parece que tudo o que fiz até recentemente, tudo o que me ilusionava e me movia por anos tem como resultado esse vazio putrefato, cujo ápice são essas imagens que me mantêm aterrorizadas, melhor não comentar.

Não posso dizer que fui uma adolescente atrativa, formava parte do grupo de meninas que tinha que contentar-se com papéis secundários, tinha muitos conflitos e complexos oriundos de aparência desarrumada, composta de aparelho nos dentes, espinhas resultantes dos hormônios em desequilíbrio, uma maneira desajeitada de mover-me, além de menos recursos financeiros que a grande maioria das demais. Estes eram os temas e valores que importavam, a ninguém interessava se você era boa aluna ou se você se interessava por literatura e, por conseguinte, até o final do colegial meus amores eram platônicos e minhas frustrações, reais.

Mas a vida oferece oportunidades e revanches e decidi não as desaproveitar. A mudança foi significativa, os hormônios se acalmaram e moldaram uma atrativa mulher, de sorriso perfeito, proporções harmonizadas e generosas e o dinheiro de meus primeiros

empregos investi em roupas, cabelereiro, academia e ambientes. Era impressionante o que conseguia espremer do salário ajustado, nada é capaz de deter uma mulher decidida.

Os resultados eram evidentes e os pude medir pela quantidade de cantadas que recebia, como mudava o mundo. Rapidamente me vi em uma posição na qual podia escolher, notava como os homens se comportavam de maneira desajeitada nas tentativas de impressionar-me, como eram vulneráveis, manipuláveis e como era possível tirar proveito dessas situações. Por fim, estava no lugar de protagonismo que me correspondia e a prova definitiva a tive no encontro de alunos, onde os olhares de espanto de meus ex-colegas, homens e mulheres, tinham sabor de glória, adornadas pela minha fingida indiferença.

Naquela época comecei minha relação com meu primeiro marido Érico, meu principal amor platônico daquela conflitiva adolescência. Caprichei no jogo de conquista no qual o deixei rastejando aos meus pés, consumindo-se de expectativas, dando-lhe e tirando-lhe corda. Não sabia o que me dava maior satisfação, se era tê-lo assim enlouquecido ou se era o prazeroso sabor de tirá-lo de Adriana, já com um pé e meio no altar, minha secreta rival daquele tempo passado. A vingança é um prato que se come frio.

Casamo-nos rapidamente sem importar-nos com os comentários dos demais e os primeiros anos os vivemos a puro desejo, a cola de nosso casamento. Formei-me em administração e o presente de Érico o sigo guardando em meu peito e somam 350 ml em cada lado. Enquanto ele trabalhava nos negócios da família (tinham uma rede de cabeleireiros), eu me dedicava à casa e à minha aparência, o que não era pouca coisa. Manter minha imagem é algo que exige dedicação e sacrifício, desde aqueles anos sigo a disciplina alimentar, as rotinas de academia, mantenho-me atualizada com respeito às tendências de moda e de produtos para a pele, prevenção de celulite e outros tratamentos pioneiros.

Érico, tal como Octavio (meu segundo marido), exibia-me como um troféu, mas lamentavelmente não acompanhava meu desempenho. É certo que eu o orientava sobre a maneira correta de se vestir, o corte de cabelo apropriado, mas repetidas vezes não seguia a dieta que correspondia e muito menos se motivava a fazer exercícios físicos e logo as indesejáveis gorduras se acumulavam em sua cintura, o começo da calvície se fazia notar e sua anterior imagem de virilidade se desvanecia com sua acomodação.

Quando saíamos, frequentemente escutava (e muitos homens o falavam ao pé do meu ouvido): “que faz uma mulher tão deslumbrante com um homem assim?”. Se por um

lado demonstrava que minha presença seguia causando forte impacto, a figura de Érico causava-me certo desconforto, da mesma maneira que algumas situações o chateavam. Nosso combustível sexual se consumia, as relações eram cada vez mais mornas, Erico comentava que tínhamos pouco diálogo, que lhe interessavam outros mundos e, para encurtar a história, ao fim de cinco anos (inclusive dois de pura aparência) nos separamos. Daquela época, além do novo par de seios, fiquei com uma filial do cabeleireiro em nosso bairro, que Erico segue administrando até hoje, a princípio como forma de pagar a pensão e, logo, com o passar dos anos e de nossos respectivos novos caminhos amorosos, como relação comercial, afinal, sua família dava nome e imagem à rede de cabeleireiros. Além do mais, nunca exerci minha função como administradora, mas sim a de relações públicas, cujo papel, segundo o próprio Érico, desempenho muito bem. De fato, minha clientela é fiel e adoro falar com mulheres sobre esse vasto mundo que nos transforma.

Apesar do divórcio, não me sentia triste ou deslocada e daquelas imagens que me mantêm atadas de horror até então não havia o menor indício. Saí sem qualquer tipo de traumas de meu primeiro casamento, nenhuma sequela ou depressão, muito menos com a minha autoestima arranhada. Rapidamente voltei a me inserir em um ambiente social onde as possibilidades eram várias e as portas me eram abertas por mãos de homens marionetes, que voltavam a gravitar ao meu redor como insetos em volta da luz. É, até certo ponto, uma sensação ambígua: se por um lado é fascinante ver até que ponto é possível levar um homem cegado pelo desejo, por outro lado, o constante assédio muitas vezes cansa. Octavio, meu segundo marido, o compreendia perfeitamente. Não era de um lindo clássico, mas possuía uma beleza singular, bem masculina e creio que com ele passava o mesmo que comigo. Era como se nossa união fosse inevitável, a sensação de, por fim, ter encontrado alguém com os mesmos dilemas, ideais e princípios. Ele também era devorado pelos olhares de mulheres e quando voltávamos para casa, disfrutávamos do prazer que provocávamos, das evidências, como deuses fazendo o amor, rodeados de espelhos que refletiam os mais diversos ângulos de nossos corpos esculturais, o deleite em ver-nos, prêmios mútuos de nossa vaidade, consumindo a energia sexual que provocávamos e que nos era projetada. Quantos não haviam desejado aquilo que Octavio devorava, quantas não me tinham inveja por aquilo que então se apoderava de mim.

Nossa vida me parecia bem assentada, encontrávamos o equilíbrio entre o corpo, a alimentação, vida social ativa, sexo plenamente satisfatório. Não me lembro de nenhuma briga mais grave, não insisti nunca em ter filhos (ele já tinha um de seu primeiro matrimônio), via como a idade da Octavio lhe caía bem, recém-chegado aos cinquenta,

com um belíssimo corpo e cheio de energia, parece que os homens envelhecem mais lentamente que nós. E também parecia que necessitam de novos desafios, novos estímulos, sentirem-se jovens, ao menos foi o que me explicou ao confessar que há mais de um ano se encontrava com uma menina que tinha a idade dos filhos que nunca tive.

Parecia que os anos que Octavio rejuvenescia ao lado de sua nova namorada (tentei, mas não pude competir, não havia como não notar mais de vinte anos de diferença) me eram acrescentados, me sentia velha, descartável, vazia, um troféu empoeirado de glórias do passado. Não era fácil ser linda, perfeita, muito menos barato, grande também é a concorrência e minuciosas as olhadas ao espelho, tirando a maquiagem para emergir a cruel verdade e lembrar-me de um brilho que não voltará. O divino tem data de vencimento, assustava-me a eternidade, não estava preparada para envelhecer.

Mas tantos anos de dedicação quase obsessiva pela minha imagem agora se deterioram pela indiferença, se evidenciam nos rastros e borrões do algodão demaquilante ou simplesmente sentada à margem em algum evento com um gin tônica nas mãos, cada gole um leve tremor de implosão, suportando música alta, fazendo força porque me custa muito seguir o agito, acompanhar as gírias, fazer novas amizades sem parecer desesperada por carinho, por admiração, disfarçando solidões. Se agora tivesse que passar por uma avaliação de São Pedro, já não lhe poderia mostrar minha obra prima de anos, meu corpo (inclusive com alguns retoques, porque a criação não foi muito generosa com meus seios, nem muito refinada com meu nariz e queixo), porque esta obra já não existe, o apogeu já passou e não deixou nenhum fruto nem se perpetuou, mas todo o contrário: estaria parada a sua frente com carnes flácidas e cheiro de velha, somando anos cada vez piores.

Atualmente o futuro me desespera. Constantemente vejo a minha morte, vejo como fecham o caixão, como me cobre a terra. Tudo é silêncio, sufocante escuridão, não sei o que fazer, aonde ir. Primeiramente o sinto por dentro, como minhas próprias bactérias e enzimas começam a devorar-me, um ruído interior que me agoniza, que sobe até os ouvidos para amplificar a voragem canibal. Por vezes, não me posso mexer, sinto-me grudada ao meu corpo, meu inútil templo de adoração. De repente os escuto, som centenas de minhocas, sentem-se atraídas pelo meu corpo, por seus gases de putrefação, não tardarão. Desespero-me, não sei como libertar-me, em que acreditar e quando começarão a me devorar, me desespero tanto que consigo escapar, voltar a essa casa fria, em frente ao espelho vazio, tirando a maquiagem de meus olhos agora mais profundos, ossos salientes, noite após noite.

Às vezes, penso que estou morta, outras que me creio viva.

“Existo”, concluía fervorosamente agarrada aos meus restos pútridos, entre minhocas, que por último me comiam os olhos, minha última ilusão. “Existirei ali, onde se encontra o meu coração”.

Cárcere privado

*“O amor verdadeiro começa lá
onde não se espera nada em troca.”
(Antoine de Saint Exupéry)*

Rapidamente, poucos segundos depois de morrer, confirmei, mesmo confuso e superficialmente, que a morte não existia. Foi um instante bastante esquisito, já que, como médico, sabia exatamente o que me estava sucedendo enquanto sofria o infarto fulminante, a dor em meu peito e o lado esquerdo do meu corpo imobilizado e indefeso, paralisado como minhas cobaias, a mesma incerteza no olhar, a tontura, o medo, a dor aguda antes de desfalecer, formigas pelo corpo que consumiam minhas últimas energias vitais para que logo após outros vermes se alimentassem de minha carne. Também seguia escutando imprecisas e exacerbadas vozes, discussões, ódios, juras de vingança nessa nova dimensão, onde o tempo é inexistente até que velhos conhecidos me tiraram daquela cama onde repousava meu indiferente e teso corpo.

Despertei depois de um pesado e largo sono (o que é o tempo por aqui?) e reconheci o lugar que tantas vezes se fazia presente em meus sonhos, algo como um posto avançado, habitado por rostos que não me eram de todo desconhecido, instalações e aparelhos, laboratórios e novas cobaias, um ciclo sem-fim que mantinha vinculado os vivos e os mortos. Embora em vida sabia que passávamos por tempos difíceis com as tropas, as *hordas* aliadas cada vez mais próximas às cidades, já em ruínas, povoadas de fantasmas e miseráveis, surpreendeu-me um pouco que por aqui as condições tão pouco eram melhores, pântanos espessos, frios e fedidos, que outorgavam ao ar o peso de uma contradição indecifrável. Confesso que registrava isso com certa desilusão, não entendia como esse lugar pudesse ser minha recompensa após tanta dedicação para o aperfeiçoamento da obra de Deus. Suspeitava que talvez fosse mais uma de suas charadas, de suas provas de fé, seus labirintos desafiantes.

Meus novos velhos companheiros, símbolos da supremacia racial, me incentivavam a seguir trabalhando até a vitória final, apesar de que suas aparências mais se assemelhavam aos inferiores que tanto desprezávamos, os imperfeitos rascunhos de Deus, com suas feridas pelas quais brotavam o sangue escuro, infecções cobertas por trapos imundos, pareciam sub-humanos sem espelhos em palácios de lodo e suas frias luzes. No começo, voltei a dedicar-me, como aficionado pela ciência e medicina que sempre fui, que se motivava nos segredos de Deus, desafiado por Ele para seguir as pegadas de sua criação, de intuir seus planos, seus esquemas, sua obra, dissecando corpos,

ossos, órgãos e sistemas, obcecado pelo grande mistério científico que resultava ser o cérebro, a caixa-preta de Deus. Estava convencido de que ali estaria a chave, que ali seria possível decifrar Deus, seus hieróglifos que me provocavam, que me faziam sentir como potencial escolhido desde o momento que se profetizou a sentença de que “vos sois deuses”.

O trabalho por aqui era um pouco distinto ao que estava acostumado enquanto me encontrava na carne, porque, por motivos óbvios, não era possível trabalhar com corpos físicos. Assim que o foco das pesquisas se voltou aos corpos astrais, à alma ou espírito e sua correlação com o corpo físico. Nós, filhos da ciência, sabíamos que Deus atuava através da reencarnação e que a raça humana se aperfeiçoava de acordo com princípios evolutivos, que a seleção natural faz sobreviver aos melhores genes e nisso focávamos nossos esforços, especialmente para que, através da manipulação dos corpos astrais pudéssemos criar melhores corpos para melhores vidas, renascidos como eleitos em uma raça perfeita e única, herdeiros da Terra.

Por aqui também tínhamos nossas cobaias, seres “vivos” que capturávamos enquanto dormiam e nos quais inseríamos modificações (radiações, células-tronco, clones, *chips*, etc.) nos corpos astrais e analisávamos como repercutiam em seus corpos físicos. Demorava mais tempo (volto a perguntar-me, o que é o tempo por aqui?) que antes, quando na carne podia medir rapidamente até quanto tempo e sob quais condições era possível ressuscitar um homem, suportar o frio, a pressão, os venenos, a dor e, em especial, realizar as lobotomias cerebrais e tratar de estabelecer suas fascinantes correlações com suas sequelas.

Entretanto, amiúde, costumava sentir certo cansaço, momentos nos quais me recolhia em meu escritório e tentava descansar, depois de ingerir a asquerosa alimentação, sacrifícios da glória vindoura. Isolado, em algum lugar entre a morte e a lembrança, era assaltado por angústias inexplicáveis, recordava os olhares das cobaias humanas que manipulei enquanto vivia os tempos de guerra, cujas dores me pareciam fingimentos e seus gritos mudos, mas que agora me invadiam o pensamento como vivas lembranças amplificadas por seus olhares de terror, incrementados pelo ódio, pela raiva sanguinária, tortuoso sadismo. Para minha surpresa, apareciam em minha memória lentamente cada um dos rostos de minhas cobaias de anos atrás e, a partir do momento em que as reconhecia, parece que se estabelecia uma conexão inexorável (“assassino covarde, te buscaremos no inferno!”), como uma goteira intermitente, descompassada agonia que não conseguia findar.

Tentei não dar muita importância a esta situação, uma vez que sabia que também por aqui as hordas aliadas procuravam a todo custo aniquilar-nos ou, pior, converter-nos. Mas, com o passar do tempo (que não existia, fato que começava a amargar-me) já não me era possível ignorar aquelas vozes (“tua dor e agonia serão nosso bálsamo”), nem as imagens que se repetiam com maior frequência. Não sabia se vinham de fora ou se eram projeções interiores, mas pouco a pouco as lembranças, de tanto golpearem como ondas de um mar negro, com o desespero do incessante, longe de qualquer alvorada, povoavam de medo a minha consciência.

Os comandantes procuravam inserir-me novamente na rotina que se desenvolvia em meus novos porões, mas não me forçavam em demasia devido a minhas recorrentes ausências mentais que me impossibilitavam de trabalhar por longos períodos de concentração ininterrupta, pois ainda me encontrava longe do desequilíbrio de desencarnado, necessitado de sono, de silêncio, recluso em meus espartanos aposentos. Solitário, sentia que existiam hiatos na minha maneira de pensar e de entender e, tal como me passava na carne, sentia pânico ao imaginar a simples possibilidade de perder a razão, de não ser dono de meus pensamentos, de não poder expressá-los ou executá-los, de estar à mercê de oponentes mal intencionados, bárbaros atrasados, porfiados inimigos do paraíso terreno, da seleção natural que regenerará e limpará o planeta até ficar à imagem e semelhança de Deus.

Se antes tínhamos nossas cápsulas de cicuta, as que nos permitiam o resgate merecido em vez da humilhante caída, descobri desconfiado que a morte não me salvou dessa sensação de invisível e iminente ameaça formada pelas minhas vítimas necessárias ao progresso, turbas enfurecidas. Assaltavam-me inesperadamente com seus gritos de crânios abertos, seus imóveis e suplicantes olhares de horror, apagados pela dor, por estarem por demais esgotadas para encontrar um sentido na vida. Sozinho em meu quarto e sem a válvula de escape de meu trabalho contínuo, não encontrava paz e se bem sabia que depois da morte não acordaria num céu de nuvens alvas, puras e leitosas loiras e música wagneriana, também não imaginava que fosse parar em um lugar imundo, escuro e inóspito. Mas por aqui não era possível voltar a matar um morto como eu, as cápsulas eram feitas de fragmentos desconexos de consciência que se infiltravam, agora o sei, pelas portas que abria dissimuladamente.

Comecei a duvidar. De longe pensei ter ouvido a voz de minha mãe que rezava.

Cada vez mais me custava concentrar-me nas pesquisas científicas do laboratório e, sob pretexto de maior produtividade, passei a trabalhar isolado em meu quarto,

encarcerado em meus próprios pensamentos. Seguidamente escutava os gritos, os desejos de vingança e pragas jogadas pelas hordas, ao longe, longínquas e insistentes ondas que me alcançavam um par de vezes durante uma jornada (não encontro outra palavra, aqui não existem dias, não existe o sol). Logo as vozes formavam rostos que eram lembranças que se alastravam como células cancerígenas em minha mente, presas como uma mosca na teia de aranha, fomentada pelo pânico e que disparava tremores internos que uma hora despertariam essa aranha, cuja voragem canibal não teria pressa em devorar-me o cérebro que tanto manipulei, seguro do irrevocável desfecho final.

A agonia passou a ser tamanha que sentia saudades dos tempos de carne, onde ao menos me sentia menos assediado, tinha mais clareza dos objetivos, menos dúvidas e pensava entender melhor os mecanismos da criação, de perpetuar o renascimento de nossa casta, em nossa ordem, em nossa genética. Intimamente desejei intensamente, de todo o coração, voltar à carne e, com a lembrança de minha mãe em prece, ajoelhei-me por repetidas noites (tudo são eternas noites por aqui) para suplicar a Deus para renascer de mim e herdar minhas obras de tantos esforços e compromissos.

De tanto bater, uma noite a porta se abriu. Senti-me verdadeiramente tragado por uma força irresistível, uma vertigem brutal. Era como descer, numa moto sem freio, por uma estrada dramaticamente inclinada, repleta de curvas de precipícios fatais (morrerei de novo?), cujo final de crescente aceleração era um terrível buraco negro, de magnetismo tão intenso como a vida, a compulsória reencarnação e a consciência descortinada. Às vezes penso que melhor tivesse sido abortar no princípio, quando a velocidade provocada pelo declive ainda era menor, mas enquanto suspeitava daquilo que mais temia, todos os gritos de minhas cobaias de cérebros vivissectados, todos seus medos, seus sentimentos de desamparo, todas as imagens de impotência me golpeavam a mente com uma frequência atroz, formavam um redemoinho desenfreado que me sugava até a capitulação que pressentia ser tão inevitável quanto humilhante. Por momentos me negava a aceitar o destino, a derrocada, em vão e desesperado acreditava que minhas capacidades intelectuais de alguma maneira encontrariam uma alternativa que não fosse a degradação, que minha revolta freasse esse processo, mas a verdade é que cada negação me atraía mais rumo ao abismo, a teia de aranha de Deus e a terrível condenação de minha consciência.

Por fim, derrubado e algemado ao meu inevitável destino, reuni minhas derradeiras energias para a última blasfêmia, antes de perder a consciência diante de um novo despertar:

– Deus desapiedado, é assim que pagas pela minha dedicação e contribuição à tua obra? Estafadores, falsos profetas, que se arreentem com o cruel conto de que somos todos deuses, que caíam suas máscaras de barro! – explodi iracundo tendo o eco do meu próprio vazio como resposta.

Neste instante, pendurado do último fio de minha consciência, via-me coberto por esse frágil álibi de potencial criador que tentava dissimular minha própria farsa. Notei como a máscara que verdadeiramente se rompia era minha imagem de médico do progresso durante a guerra, despedaçando-se a cada dor, a cada profanação de corpos e existências sagradas de minhas vítimas. Vi por trás de minha impávida e gélida mirada que se quebrava em incontáveis cacos de indiferença diante das súplicas, que eu no fundo sempre soube que Deus não atua por essa maneira, que a verdadeira linguagem de Deus não abarca raças nem preconceitos.

Sempre o soube e o saberei eternamente, não há desculpa porque, como todos os demais, eu também era deus.

Por trás de minha partida máscara surgia meu novo rosto, o da reencarnação. O buraco negro estava a ponto de devorar-me completamente, de explodir-me em mil fragmentos que trataria em vão de recolher durante a minha vida, minha condenação. Desesperado, chorava e gritava copiosamente e nos corredores do precário hospital municipal fez-se o silêncio de mau agouro. Para os médicos não fazia falta a menor comprovação, meu caso era visível. Cortaram meu cordão umbilical enquanto eu seguia enfurecido, embravecido. Minha mãe se chama Maria, como tantas outras filhas da desilusão e da pobreza neste continente, cuja única esperança é a teimosa fé e que, apesar de ser analfabeta e pouco instruída, desde o princípio soube e entendeu quais seriam as sequelas. Eu era uma miniatura de minha mãe: gordo, sem dentes, anêmico, mulato, de cabelo “ruim” como dizem por aqui, mas com a diferença de que minha testa é fortemente inclinada para trás e o circunferência de meu crânio não chegava nem ao menos aos dezesseis centímetros, microcefalia severa.

Seguia soluçando, berrava inconformado, agitava minhas pernas freneticamente como último impotente sinal de revolta. Os médicos me seguraram sob os braços com olhar piedoso, que me acompanha desde então quando alguém me vê, e rapidamente me entregaram à minha mãe. Ela sorriu com os poucos dentes que lhe restavam, apertou-me suavemente contra seu caído e suado seio esquerdo, o do coração. Jamais me esquecerei de suas palavras, de sua reação, de seu calor, que me acalmou profundamente.

– Bem-vindo, minha vida, – disse-me com amor, a universal linguagem de Deus
– você é o bebê mais lindo do mundo!

Desde outubro de 2015 o Brasil vive um surto de microcefalia provocado pelo Zika vírus, transmitido principalmente pelo mosquito Aedes Aegypti. Até março de 2016 foram diagnosticados 745 casos de microcefalia em bebês em todo o país e 4.231 notificações sob investigação. Dos casos confirmados, a avassaladora maioria encontra-se no Nordeste brasileiro, segunda região mais populosa do país e que apresenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil.

O sintoma principal da microcefalia é o tamanho da cabeça significativamente menor que a de outros bebês da mesma idade e sexo. Em casos severos, a testa também é inclinada para trás.

Crianças com microcefalia podem apresentar atraso mental e de desenvolvimento (como na fala e no movimento), dificuldades com a coordenação e o equilíbrio, hiperatividade, convulsões, distorções faciais, nanismo e, em muitos casos, precisam de constante ajuda para atividades básicas, como comer, andar, tomar banho, etc.

Três segundos

*“Há um czar neste mundo e é implacável.
Fome é seu nome.”
(Nicolai Nekrássov)*

I

Cheguei em casa com sentimentos diversos, todos previsíveis, o que era um indício de que eu queria estar exatamente assim, aqui, que essa era minha melhor alternativa. Trazia os materiais da loja (não confio nas compras por Internet desde o fiasco das luminárias solares liliputianas), para instalar a nova televisão na minha cozinha depois de ter avisado a Julia que hoje a noite preferia estar em casa, que não tinha vontade de ver ninguém, enchendo o silêncio da linha que trazia justamente as sensações que tratávamos de evitar, que não queríamos viver, sentíamos a greta, a desilusão que pesava segundos.

Queria tanto dizer-lhe que não o visse dessa forma (*sei* como se sente), que minha vontade por essa solidão não era maior que a de estar a seu lado em uma noite de conhecidos. É que, hoje, não sei por que, essa necessidade estava me consumindo, já vinha perdendo terreno mental, *essa* é a greta, precisava entrar neste meu mundo, arrumado, ordenado, onde ninguém me observava, testemunha à deriva de meus pensamentos e vícios.

Sei que se incomodou e não me senti bem, já que, honestamente, lhe dava razão. Mas talvez perceba sozinha que a explicação está em outro lado, está na cozinha, para onde escapo por razões que para muitos podem parecer estranhas ou inusitadas. O que se desconhece é que tenho toque, transtorno compulsivo obsessivo, gosto das coisas arrumadas, em seu lugar. É um impulso que consigo reprimir ao largo de meu convívio social desde que, com ajuda psicológica, o restrinjo a um único evento e lugar: a cozinha. Não se trata de libertar-se de sentimentos reprimidos inventando receitas criativas, mas de ser ali o lugar onde me permito manifestar essa tendência sem testemunhas e queimar minhas necessidades obsessivas em uma espécie de experiência controlada. Nada de universo de cheiros, temperos, ervas, ensopados ou panelas quentes, mas um mundo de simetrias, alinhamentos, proporções, critérios e classificações.

A desculpa (sim, porque combinei que tem que existir um motivo) era de que a instalação da televisão requeria que os cabos corressem pelo fundo da despensa, assim que tive que tirar todas as coisas dali, fazer os furos, passar os cabos, limpá-la com álcool e vinagre, secá-la e voltar a pôr as coisas em seu lugar. É difícil de explicá-lo à Julia, mas eu já pensava na despensa desde a tarde e meu nível de ansiedade aumentava constantemente ao imaginar as prioridades, os cestos, as cores, o alinhamentos, a ordem

como resultado final de outra noite solitária e duvidosa, tendo a Nina Simone, alguns cigarros e rum cubano como assistentes e, quanto mais liberdade Nina dava às notas, muito além de pautas e claves, eu parecia ser seu lado escuro, um ser repentinamente obcecado que enfileirava latas de alimentos com falsa parcimônia, ordenadas por sabores e data de vencimento. Nina prometia mundos, amores e dores enquanto eu classificava, identificava e guardava alimentos em cestinhos iguais, massas, doces, temperos... Estávamos unidos pela contradição, suas assimetrias harmoniosas e suas improvisações contrastavam com o armário que se ajeitava impecavelmente, perfeito e monótono como um relógio.

Sempre aproveitava a ocasião para fazer um inventário da despensa, entrar na perfeita ordem dos números, para apontar se havia algum alimento próximo de vencer, saber quanto valor financeiro continha, verificar se havia equilíbrio entre fibras, carboidratos, controlar as respectivas calorias e, por fim, calculava quantos dias tinha de cobertura alimentar, caso acontecesse algum imprevisto, muito além das constantes quedas de energia deste verão.

A ordem me traz satisfação, ali tudo funciona como eu quero, tudo é certo e possível, uma intimidação às incertezas de minha vida e quanto mais arrumava as coisas, mais espaço gerava. Esse mesmo vazio do qual Nina se aproveitava desdenhosamente para chegar ao improvável, a mim apenas me servia para empilhar fumaça sem sentido. E em algum lugar agora estaria Julia, estaria a sua pequena dor e meus inúteis espaços de meu parado tempo (*“que faço eu com esse tempo?”*), instalando outra televisão para outro cômodo vazio.

E assim eu me encontrava, quando já os primeiros rostos apareciam na tela curva da cozinha, com o rum manifestando sua disfarçada névoa, os impulsos de organização consumidos e tranquilizados e até este momento, tudo estava bem. Digo bem porque tudo estava normal, as empanadas, como de costume, e eu cada vez mais concentrado na televisão com suas imagens aceleradas ao esquecimento, que tratavam de estancar a inutilidade de meu tempo.

Meu eminente futuro, de pouca ambição pessoal, estava projetado na grade de entretenimento que anunciavam: se repartiria entre um programa de estética que prometia a cura da celulite (*“se soubessem que nunca nos importou!”*), outro de culinária com o passo a passo do salmão de nossas vidas (*“pergunte ao salmão, meu irmão!”*), finalizando a trilogia desta sexta-feira com um episódio sobre reforma de casas, com a piscina de borda infinita ao alcance das mãos (*“pura contradição, alcançável infinito”*). De repente,

enquanto me servia de outra empanada, fui golpeado em pleno estômago, sem prévio aviso, quase traiçoeiramente, por um negro rosto ossudo, cujos saltados olhos em alta definição me olhavam da tela, comendo agradecido uma papa igualmente indecifrável como intragável, em frente a uma choupana tão esquelética como os demais negros esqueletos que se viam e que quase não conseguiam manter-se em pé.

Por um tempo dilacerante se sucediam imagens de famintos ou feridos seres humanos, crianças, velhos, homens e mulheres que gravitavam entre os desolados acordes de um blues acústico, formado pelo pranto de crianças de olhares vazios que produziam gordas e lentas lágrimas coladas a suas bochechas e agora encrustadas em minha retina, enquanto médicos, civis, voluntários, gente tocada de piedade, resistia junto aos miseráveis, que já não sabiam se quem lhes falava eram médicos ou anjos barqueiros.

Na seguinte cena, aparecia uma tela formada por rostos esculpidos pela escassez. Sucessivamente, a cada três segundos, um se apagava, deixando ao final um fundo tão negro como o luto. Assim descobríamos o ritmo da morte por fome e de suas consequências no mundo: três segundos...

Não esperava por isso e de pronto me encontrava sensivelmente impactado, já me havia endireitado na banquetta, meu coração me pesava, a consciência, o pesar, tic, tac, tic, outro morto se somava, faminto, alguém que temeu mais a vida que a morte, tic, tac, tic, imaginar que o tempo para encher o copo de rum ou da preguiçosa dúvida entre uma empanada de carne ou de milho era mesmo para que outro mais tombasse, carcaça de pele, osso e nada mais, nem ar nem alma, um rosto sem idade, por três segundos mais e creio que para mim, definitivamente, já nada estava bem, tic, tac, tic...

– *A quantos você matou?* – pareciam perguntar-me as latas do armário que me olhavam indiferentes.

Não sei quanto tempo tardou esse outro silêncio que indagava a razão, que buscava um método que me fizesse parar esse ponteiro de segundos interiores, uma linha de raciocínio que tratava de afirmar-se na minha mente, igualmente obsessivo como o tempo. Incontrolavelmente, passava a enfileirar números e ordenava conclusões: cada três segundos resultam em 28.800 pessoas ao dia, 10.512.000 ao ano. Os números me saltavam da calculadora e passavam ao papel por meu punho para escrever minha sentença, números que me estrangulavam, me gritavam fazendo saltar minhas têmporas.

Se de uma população estimada de sete bilhões de pessoas, supormos que cinquenta por cento são economicamente ativas, significa que eu, como um destes, deveria encarregar-me a cada oitenta e três dias de dar de comer a uma pessoa à beira de

morte por fome, quatro vírgula quatro pessoas ao ano. Como somos considerados economicamente ativos desde os quinze anos, já acumulava vinte e sete nessa condição, o que significa cento e dezoito pessoas que precisavam urgentemente salvar. Não pude nem chorar meus mortos. Suava.

“Você não quer passar por aqui? Estou com saudades.”

(Mensagem lida).

II

Ao abrir a porta para Julia, senti verdadeiro alívio. Quase inexplicavelmente, senti amor. Eu seguia em um mundo que mal conhecia, o do sentimento puro antes da razão, sentir antes de entender, irrefreável.

– Me sinto estranho – comentei – e creio que será impossível voltar.

Olhou-me com curiosidade, abraçou-me com novos silêncios, preparou-nos uns mates amargos e me deixou falar. Não sei o que dizer-te, em qual sequência nem com quais conclusões, assim que melhor te conto de minha tendência ao transtorno obsessivo, meu amor, às vezes, me passa, veja a cozinha *clean*, a patética despensa ou essa infame televisão, por onde há pouco aqueles olhos profundos e necessitados me espiavam, me olhavam enfileirando latas de consumo, devorando aborrecido algumas empanadas. Com as que sobraram já salvaríamos um par, *você me entende, Julia?*

Mostrei-lhe os números e não sei o que acontece comigo, porque levo comigo um pesar e não queria estar sozinho, evitar os vínculos e de repente me senti só, confuso, os sentimentos se misturaram sem critério e me ocorreu que te amo, mas que talvez não saiba como amar, que junto a isso existe um olhar cravado em minha memória que me diz *“não me deixes morrer”*.

– Sinto-me arrebatado – comentei e parecia que meu desabafo lhe gerava alívio.

– Você está sensível. Mas temos que começar – disse e se pôs em movimento. – Além do mais, estão os meus também. Faça a conta, quantos matei?

E enquanto calculava e anotava e tic, tac, tic, Julia abria a despensa e sem a menor consideração nem cuidado, tirava as latas de lugar, suas mãos buscavam entre as embalagens de massas nas cestas e, da mesma maneira que anteriormente, Nina, Julia mais concretamente ainda derrubava minhas tontas leis, mas já nada me incomodava, esse peso me era retirado de cima para substituí-lo por um morto, tic, tac, tic. E, de pronto, tudo era diferente, picávamos os ingredientes ao ritmo dos segundos, discutíamos as ideias e receitas, os possíveis lugares de distribuição, como seria daqui em diante e duas

horas após estávamos no carro com quinze generosas porções de comida quente, que servimos a um grupo de moradores de rua que não tardamos em encontrar. Seguramente não estavam à beira eminente da fome, mas não importava, atuávamos ainda por impulso e entre aqueles que agora disfrutavam de um bom prato de Carbonara, também se notava a fome por atenção, dignidade, esperança, sem casa, abandonados, olhares que coincidiam com aquele que não esqueci jamais.

Ao voltar para casa, falamos pouco, descobrimos novos silêncios que ainda não entendíamos. Ficou para dormir, abraçados, pele com pele.

– Temos que organizar melhor – comentei com Julia. – Para as próximas vezes talvez poderíamos falar com um padre, um líder comunitário.

– Estava pensando justamente nisso – dizia repousada sobre meu coração. – Além do mais, temos que divulgar o conceito, com certeza, outros aderirão, Marcos, a Silvia, a Carla e o Mateo, os rapazes do futebol, minhas irmãs e tantos mais que ajudarão se souberem os seus números, suas pegadas da fome.

Depois a observei enquanto dormia e tive outra vez essa sensação de amor, de encontrá-lo, de entendê-lo, de respirar na mesma frequência, no mesmo calor, no contraste claro e necessariamente complementar a minha ansiedade, porque o seguia esperando a noite inteira, angustiada, velando a incerteza, sem saber se havia resistido. Pouco a pouco se fez nítido naturalmente, por fim voltava a olhar-me, estendia-me sua mão ossuda e não sabíamos se éramos carne ou espírito. Seu corpo era muito frágil, seu estado permanecia crítico, de expiação.

– Seguirás vivo – tentava tranquilizá-lo, olhando seus negros olhos e apertando-lhe suavemente a mão, – enquanto te alimento através de outros. No te falharei, não estás sozinho.

Tic, tac, tic, tac, tic, tic, tac...

Vice-Versa

*“A história da mulher é a história da pior tirania que o mundo conheceu: a do mais fraco sobre o mais forte.”
(Oscar Wilde)*

O dia já começou mal e isso não era difícil de evitar se Roberto ao menos tivesse um pouco mais de cuidado e de atenção, esse *plus* de carinho que, a meu modo de ver, não é exigir demais. Já está cansado de saber que não gosto de leite com nata, muito menos quando, ao misturar-se com o café, formam essas pequenas ilhas flutuantes que realmente não gosto de ver, nem de sentir, muito menos de tomar. Decidi não lhe recriminar nada, talvez esteja em um daqueles dias e o mais importante era tomar meu café da manhã em silêncio, lendo o jornal, buscando salvar a manhã com um pouco de tranquilidade no suplemento de moda e de design.

– *Che*, vá ver as crianças, assim irão me atrasar – comentei com Roberto que terminava de preparar os sanduíches dos filhos. – Justo hoje que tenho uma importante reunião – expliquei sem querer parecer impaciente.

Não tardou muito até que aparecesse Nádia, meu orgulho, menina linda, decidida e inteligente, tem toda pinta de se destacar, bem diferente de Mauro que, embora mais velho, anda sempre ausente e tímido. Tento não os diferenciar, mas a verdade é que a grande solução para Mauro seria que encontrasse uma boa mulher, alguém que cuidasse e se encarregasse dele e nos tirasse esse problema de cima.

– Não gosto quando você fala assim do Mauro – recriminou-me, como sempre, Roberto. – O futuro dele vai muito além de um bom casamento, Isabel. Você deveria incentivá-lo tanto como o faz com a Nádia.

Deus, dai-me paciência, como sempre censura, creio que é da própria natureza do sexo masculino essas sutis recriminações, uma maneira quase ingênua de soltar frustrações acumuladas, de seu mundinho pequenininho de cuidar da casa, das crianças e de preocupar-se, como muito, com o futebol. Eu aqui me matando de tanto trabalhar para dar boas condições a todos, anos a fio e a recompensa é um café com pedacinhos de nata, acompanhados de conselhinhos de como devo tratar Mauro, deve estar de sacanagem! Definitivamente preciso de certa dose de resignação.

– Você pode apressar o Mauro? – pedi a Roberto, com certa impaciência enquanto me maquiava com Nádia, igualmente bem arrumada como eu, apesar de ter tão somente doze anos. Nisso éramos muito conscientes e parecidas, é preciso estar atenta à imagem, partindo das unhas até a roupa. E aqui cabe um elogio ao Roberto, nunca vi um homem

tão esmerado na hora de passar a roupa como o meu marido, tudo limpo, sem nenhuma dobra, cheirando a frescor e ditando elegância. Sou vaidosa, uma virtude que Roberto não compartilha, sempre por aí em chinelos, camisetas velhas, cabelo despenteado, barba por fazer. Duas semanas atrás cheguei em casa e lhe disse que se arrumasse porque “hoje sairemos para comprar-te um bom par de sapatos e novos jeans, você merece, véio”, mas sua receptividade foi decepcionante:

– Temos outras prioridades no momento, Isabel – começou Roberto com seu rosário de lamentos, – ou você se esqueceu do aniversário do Mauro e que também ficamos de mandar uma passagem para que meu pai me viesse visitar?

Como disse, recriminações e mais recriminações, a gente tenta agradar a seu marido e, em vez de agradecer, ainda me ameaça com a visita do sogro, vá entender esses homens, fala pra mim! Mas minha chateação foi-se embora com o bom humor de Nádia rumo ao colégio, nos divertíamos inventando nomes com as placas dos carros, cantando nossas baladas pop, fazendo caras e coreografias, tem o mesmo requebrar que sua mãe. Depois de me despedir deles costumo ter meus quinze minutos de paz entre a escola e o trabalho, o suficiente para desfrutar um pouco do sossego e chegar com bom ânimo ao escritório.

Sinto-me muito à vontade por lá, ganhei meu espaço por méritos e a presidente confia bastante em mim, o dia costuma começar com uma breve reunião para discutir o ambiente e as estratégias.

– Senta Isabel – ordenava Sofia depois de cumprimentar-me com dois beijinhos, – quero discutir o tema da substituta de Carla, que irá à filial de Miami.

– Está bem, Sofia, mas você sabe bem que sem café não funciono – respondi com nosso típico sorriso irônico, que já falava por si.

Ela se endireitou na cadeira e pediu por telefone para que Pepe nos trouxesse um cafezinho que não demorou mais de dois minutos a chegar. Pepe, simpático como sempre, hoje estava melhor do que nunca: calça justa, camisa feita sob medida com os últimos botões abertos, barba bem-feita e com perfume e um andar que sabe que monopoliza as atenções.

– Adoçante ou açúcar? – perguntava-me sorrindo.

– O que você quiser, Pepe – respondi com o complacente sorriso de Sofia.

O seguimos com o olhar até que fechasse a porta da sala.

– Mãezinha, ele está cada dia melhor, um bombonzinho – concordávamos Sofia e eu.

Depois desse prelúdio motivador, mergulhamos por inteiro no universo do trabalho, analisando as alternativas, os potenciais e as capacidades das candidatas para a posição em aberto. Adoro fazer parte desse processo, poder influenciar um pouco os rumos da empresa e, melhor ainda, se minhas sugestões me trazem destaque.

– E porque não promovemos um homem? – sugeri sutilmente. – Creio que pode ser um bom sinal para todos na empresa, principalmente porque não temos a nenhum homem em posição gerencial. Igualdade de gênero é um assunto de moda e uma das principais reclamações nas pesquisas de recursos humanos sobre o ambiente de trabalho.

– Sabe que você tem razão? – refletia Sofia depois de uns segundos. – Além do mais, ainda economizamos com o salário, acho que setenta por cento do salário de Carla já é o suficiente.

– Dá e sobra, e ainda ficará feliz – assegurei.

Coincidimos que Juan era a alternativa perfeita, um jovem talento, confiante e levemente agressivo. Não sei por que, mas ao sair da sala de Sofia com o nome definido e passar novamente pela mesa de Pepe que me olhava com intensidade certa, lembrei-me de Roberto e de sua opacidade. Ultimamente veio com a ideia de querer buscar emprego, dizia que hoje em dia era normal que os homens exercessem uma profissão, que as crianças já estavam crescidas e que pensava em estudar, “não em detrimento das tarefas domésticas”, me garantia.

Mas na realidade este assunto me cansava, assim como Roberto e suas perpétuas olheiras, seu pouco frescor e seus inadequados sonhos, quase já na casa dos cinquenta anos. Reclamava de suas dores na coluna de tanto levar as crianças de lá pra cá, de mover os móveis de lugar ao longo dos anos de faxina, de suas articulações inflamadas, de sua andropausa e hormônios desregulados, de suas repentinas alterações de humor, como se trabalhar no escritório como eu fosse uma pura festa e não consumisse meu vigor, não conduzisse ao estresse ou exigisse total preparo. Mas acontece que eu me cuido, no meu pouco tempo disponível ainda encontro espaço para ir à academia perto do trabalho. Preciso disso para trabalhar determinados grupos musculares e manter-me com disposição, sem desperdiçar tempo. Para Roberto, como lhe expliquei, não era necessário ir à academia, com o tempo que tinha de sobra podia muito bem fazer abdominais, flexões de braços, a prancha e correr pelo bairro. Ir sozinho à academia estava fora de questão (sou tradicionalista e não gosto que as pessoas comentem) e acompanhar-me nem pensar, “de todos os modos precisamos economizar” me justificava.

Ademais, sou muito aberto e liberal ao deixá-lo jogar futebol com seus amigos todas as quintas-feiras, onde pode liberar suas tensões acumuladas. Isso sim, exijo que me ligue antes de sair e que não volte para casa depois das onze da noite. Isso funciona bem, embora uma vez tive que intervir. Ocorreu há anos, no começo de nosso casamento, quando foi jogar e deixou o celular apagado e ainda por cima chegou com bafo de cerveja. Ao instante que entrou em casa nem lhe dei tempo de explicar-se e sem pensar duas vezes fui logo lhe dando duas ou três bofetadas, secas.

– Você acha que sou uma imbecil? – perguntei enquanto Roberto tentava conter seu pânico e choro. – Exijo respeito! Anda, vá preparar minha janta agora mesmo.

Foi até a cozinha com cara de poucos amigos e até tive um pouco de pena. Permaneceu calado toda a noite, inclusive na hora de se deitar. Aproximei-me para ver se se animava um pouco, mas não foi receptivo como esperado. Azar o dele, porque o seu mau humor não diminuiu o meu apetite sexual e como mulher tenho os meus direitos aos quais não pretendo renunciar. Creio que esta noite serviu para deixar claro de como as coisas funcionariam daqui em diante, se bem que confesso que um pouco de seu brilho se perdeu para dar lugar a uma pitada de medo e ódio, reações normais. Com o passar do tempo, fomos nos acostumando a essa situação e, se em alguns dias ele não se mostrava muito disposto, eu passava a buscar minhas satisfações fora do lar, é sabido que, como mulheres, temos nossas necessidades, ao final, sou uma fêmea com F maiúsculo.

Mas esses costumes também contêm suas armadilhas e que atualmente atende pelo nome de Cristiano. Conhecemo-nos em uma importante feira na qual expúnhamos nossos produtos. Para promover as visitas e potenciais clientes, recorreremos a velhos artifícios, ou seja, a lindos e agradáveis modelos que davam as boas-vindas às mulheres e demais visitantes. A pedido de Sofia, que confiava em meu bom gosto, eu mesma me encarreguei de escolher os modelos, uma vez que, além da beleza, era preciso saber inglês e ser simpático. Cristiano me conquistou imediatamente, talvez por sua juventude, seu físico ou pela fascinação que eu lhe despertava e que ele torpemente tentava dissimular. Mas a verdade é que rolou conexão e química desde o princípio e não sou mulher de fugir daquilo que o destino me oferece.

Para resumir a história, estamos juntos há quase dois anos, embora de forma oficiosa. Tem a metade de idade do Roberto e me faz feliz com a sua picardia, com sua vontade de conhecer o mundo, seu deslumbramento quando vamos a um restaurante fino, sua emoção ao andar pela primeira vez de avião, de sair do país. Nota-se que gosta muito de mim e ao seu lado me sinto vigorosa, mais jovem e disposta. Sabe como tratar-me, me

espera todas as terças e quintas (enquanto Roberto está no futebol), bem arrumado, usando os perfumes que dei de presente, com o jantar pronto e com meu gim tônica, que sabe preparar como ninguém. Tira os meus sapatos de salto alto, massageia meus pés, me leva às nuvens.

Ultimamente está se fazendo de difícil, repete que está cansado de ser o outro, que não tem mais vontade de se esconder, que tem sonhos que merecem ser vividos ao meu lado. Nunca, por sorte, falou em querer ser pai, nisso estávamos de acordo. Jamais lhe prometi nada, sou muito transparente nesse aspecto, mas a verdade é que com Roberto já não existe mais paixão, no máximo, respeito por ser o pai dos meus filhos. E, olhando rumo ao futuro, esse distanciamento tende a aumentar, parece evidente que nossos momentos são diferentes, além disso, suas constantes queixas e depressão praticamente me precipitam aos braços de Cristiano, sempre bem disposto e cheio de graça.

Por isso, hoje à noite, após outro intenso atraco carnal (impulsionada pelo comprimido azul que me ajuda nessas ocasiões), decidi que chegou o momento. Não daria mais voltas, estava decidida a falar com uma advogada. Roberto teria que entender. Sei que estão as crianças, mas hoje em dia separar-se é normal. Provavelmente ele voltaria para a casa de seu pai, levaria as crianças. Nádia, com certeza, me entenderá.

Assim é a vida, desde que o tempo é tempo...

Que foi, machão? Não gostou deste puto continho?

O Cappuccino

*“Intimamente se abriram todas as minhas amarguras
e minhas esperanças,
como as flores que a brisa pura esparsa
sob o céu de sua fragrância.”
(Rafael Lasso de la Vega)*

Não sei quando se instalou essa solidão fria, povoada de buracos e tesouros carcomidos, nem quando comecei a sentir-me deslocada e a notar que tudo ao meu redor se escorria pelas mãos, ou melhor dito, pelo coração. Porque antes havia o meu trabalho e o convívio social, esse que me permitia diluir meu amargo fel entre diversos alvos ou reprimi-lo por detrás de simulacros de sorrisos e de aparências.

Existia a disciplina de meu trabalho, velha muleta, essa mesma busca por aprovação, a qual aspirava quando era aluna e não me permitia essas liberdades ou alegrias despreocupadas, como os demais que se sentiam satisfeitos com tão somente passar de ano e divertir-se. As tarefas devem ser cumpridas, as regras são para serem seguidas e creio que o compromisso tem que ser de todos.

Lembro-me que uma vez no colégio tínhamos que apresentar oralmente diferentes trabalhos sobre temas políticos de nosso país, desafio que abracei com esmero em tardes ocupadas, enquanto outros, principalmente Rubén e Marcos, contavam nos recreios sobre seus despreocupados planos, que incluíam esportes, preguiça e diversão. No dia de minha apresentação, com minha colega Fabiana, a professora avisou que, caso sobrasse tempo, seria a vez dos meninos apresentarem seu trabalho sobre educação, algo que os pegou totalmente de surpresa.

Apesar de minha idade, ainda tenho claro em minha memória como Rubén e Marcos me imploravam com argumentos e galanteios para que estendesse ao máximo a nossa apresentação, já que não tinham nada preparado. Concordei por simples tática, mas para mim os relapsos têm que colher aquilo que plantam e resultou que, com afinco e sem comprometer nossa performance, concluímos nossa apresentação em menos tempo do que esperado, deixando os rapazes ao borde da tragédia anunciada, tendo tão somente um recreio para se lamentarem e tratarem de explicar o inexplicável à dura professora.

– Sentimos muito, rapazes, fizemos o nosso melhor para atrasar, mas não foi possível – expliquei, tratando de disfarçar minha satisfação, a alegria pela desgraça alheia, o triunfo de minha justiça.

Aquilo que se sucedeu me despertou essa sensação, que mantenho viva até hoje, esse dínamo que me consome, esse monstro que me olha, a infelicidade que nego porque

me revela. De repente, vi como ambos mobilizavam os amigos e como, em alguns minutos, do nada, começaram a surgir informações, revistas e lembranças de recentes aulas de filosofia, onde se havia abordado o tema de educação, mas não como assunto de Estado, mas de formação de caráter social e familiar, por meio de expoentes, como Kant, Schopenhauer.

– Querida professora – começaram ambos com alto astral e firmeza, – estivemos pensando muito sobre o tema educação e, após extensas conversas, decidimos sair do óbvio e realizar uma abordagem diferenciada, dando-lhe um aspecto mais filosófico ao tema...

Nos seguintes trinta minutos, vi com impávida raiva como enrolavam a professora, como se utilizavam da mais pura lábia, como incrivelmente seus argumentos se fechavam diante de uma professora extasiada e da torcida silenciosa dos colegas que, por meio de perguntas previamente combinadas, alçavam a apresentação em um nível que superava, não o podia negar, as formas que anteriormente Fabiana e eu havíamos exibido. Até Fabiana se divertia!

Naquele dia me senti tão sozinha quanto hoje, quando meu filho Adrián veio me visitar, conscientemente apanhada pelos meus sentimentos que sempre voltam, incontroláveis, mesmo após tantos anos. Sou consciente e sou frágil, está claro, porque de outra maneira tentaria mudar algo em mim.

É uma luta desigual, um ato frio de autofagia, desenfreada. Não falo de outro eu, de outra personalidade, sei que sou eu, que em certos momentos escapam-me palavras, gestos e olhares que recriminam, que fazem calar, ecos de uma solidão repulsiva. Não se trata de algo que sinto vir de vez em quando, porque sempre está aí, indiferente como as consequências, “*outra vez você atrasou, filho*” e embora soubesse que vinte minutos não são nada nesta cidade de loucos, a continuação, instintiva como um dom cruel, já me curva, rematando as minhas patéticas boas-vindas com o perfeitamente evitável “*poderias ter ao menos ligado*”.

O silêncio de Adrián mostrava-me outra faceta, seu ar cansado, os segundos nos quais busca por paciência e seu olhar vazio, apenado, que parece perguntar “*por que você é assim, mamãe?*”. Ambos o registramos, sabe que percebi que fui exagerada, que nem ao menos o havia cumprimentado afetuosamente. O fiz passar à cozinha, onde antigamente nos reuníamos com frequência, onde preparava os cachorros quentes para seu grupinho de amigos, é um lugar mais acolhedor, talvez ajudasse a transmitir um calor do qual sentíamos saudades, mas que dificilmente encontraríamos, muito menos

geraríamos. E pensar que durante o dia estava animada com sua iminente visita, sei que é um homem ocupado e que trabalha longe, por isso lhe preparei alfajores caseiros, uma torta de nozes e chocolate e deixei tudo pronto para o café.

Poderia ter ficado com a lembrança de Adrián diante do cappuccino na cozinha ou com seu rosto um pouco decepcionado, com o doce aroma ou com os últimos raios de sol que entravam pela janela e davam vida às fumarolas que se desprendiam da taça. Mas os pensamentos podem ser vertiginosos, irrefreáveis, e, ao sentir um princípio de tristeza, soube que também costumam ser inevitáveis, porque antes estive na cozinha, contrariada, porque meu filho se atrasava, embora não tivesse precisado o horário, disse que passaria *pela tarde* e duvidei, não sabia se a tarde acabava quando a luminosidade do dia desaparece ou quando passam das seis da tarde, olhares porfiados ao relógio da cozinha, grande e redondo, os passos suficientemente ruidosos do ponteiro seguidos pelos silêncios da impalpável tensão, minha inútil resistência, já eram seis e quinze, com certeza que se atrasará e mesmo que lá fora o sol ainda seguia enviando paz, comecei a preparar o café expresso.

Pode parecer uma cena normal e corrente, mas não para mim, porque já era o começo, a banalidade do disparate que de soslaio olhava para a cafeteira, escutava a trêmula chama, observava como tratava de ferver a água, como caminhava o infatigável ponteiro e como crescia *essa* misteriosa frustração, porque sei que Adrián sempre gostou do café bem forte, preto, puro, “*cappuccino é coisa de patricinha, mamãe*”, mas a culpa também é do ponteiro, que não dava trégua e a chama que fazia ferver, o café que jorrava e o tempo que se encarcerava em meu rancor. Desse ponto em diante, com determinada parcimônia, decidi esquentar o leite, atenta para que não fervesse, para que não se derramasse como o meu vazio ou sua teimosa ausência, logo batia o leite para que formasse a espuma, porque em algum momento o sol iria se pôr e se fará noite, definitivamente seis e meia já pode ser considerada noite, mesmo que estivéssemos em horário de verão, por isso batia o leite com inexplicável raiva, enquanto o cachorro e seu rabo iam até o portão, meu impulso agora era incontrolável, bastava apenas parar com tudo, mas me apressava como uma velha louca, “*venha espuma, venha antes da campainha, venha*”, os latidos contentes, a espuma que enfim se formava e, num piscar de olhos, o cappuccino estava finalmente armado, *ganhei!*

Precisamente ali começaram os segundos inesquecíveis, com a dolorosa e quieta satisfação de minha vingança e prolongaram-se como um calafrio com o estridente som da campainha que anunciava minhas negras nuvens. Eu mesma pensava que seria

patético, que seria o cúmulo de minha gratuita punição, que não havia necessidade, que em realidade o retumbar da campanha permitiu-me ver uma possibilidade de saída, de derramar o cappuccino na pia da cozinha e deixar ali todo o restante, com um simples pensamento que não se consumiu, como as traições platônicas, palavras mudas, potenciais envenenados.

Contudo, além de não rechaçar a ideia, sua sutil crueldade possibilitava descarregar essa avalanche de contida frustração que pesava quilos de amargor agora convertidos em canela em pó, finamente polvilhada sobre a espuma, como um delicado detalhe de um carinho inexistente, *“você podia ao menos ter ligado”*. E sobre a estática espuma repousavam as partículas de lembranças, da virose estomacal que Adrián teve aos cinco anos de idade, quando ainda o abraçava, o cuidava e lhe dizia o quanto o amava, logo depois de ter comido escondido o bolo de canela inteiro, preparado pela minha sogra, e que o deixou vomitando por dias com o inesquecível e repugnante gosto de canela.

Creio que senti solidão no caminho até o portão onde meu filho se despedia de algum fornecedor ao telefone (tantas vezes lhe havia dito para que se formasse em direito!) com enérgica e preocupada voz para logo pôr sua pinta de filho amável, sem o menor rastro de remorsos, porque não havia como negar que às seis e quarenta e dois já é de noite.

– Tome você, mamãe – disse-me com irretocável tom de amabilidade, – está muito bonito o cappuccino, mas o médico me proibiu de tomar café, minha gastrite não melhora. Menos mal que não vetou os alfajores!

Com um gesto que não permitia objeções o devolveu e serviu-se contente dos doces com a mesma naturalidade com a qual abriu a geladeira buscando um suco de qualquer coisa que lhe fizesse sentir-se bem, como se a minha espera não tivesse a menor importância, como se seu atraso se resolvesse simplesmente assim, com um sorriso e indiferença.

– Você sabe, filho, que cada vez menos tolero o leite, há três semanas o médico me disse que provavelmente adquiri intolerância à lactose. Tinha te avisado quando voltava sozinha no táxi...– recordei-lhe com conveniente pesar e um sofrido suspiro.

Então fez o que fez. Sem pestanejar, levantou-se da mesa, pegou o cappuccino das mãos e em dois segundos o despejou com espuma e canela na pia da cozinha, como se meus medos, tristezas e solidões não fossem nada mais que opções descartáveis.

A idade

*“A alma não tem segredo
que o comportamento não revele.”
(Lao Tsé)*

I

Eu olhava para Yolanda e não sei se realmente não se dava conta que algo em mim havia mudado terrivelmente ou se ela simplesmente fingia um esquecimento. De repente éramos dois estranhos sob a cumplicidade de Rocío, à beira da extenuação e de minhas noites mal dormidas, principalmente desde aquela sobre cujos fatos talvez Yolanda e eu não estávamos de acordo.

Mas aquele flagrante foi o começo de um vermelho fio de lembranças, de situações que porfiadamente me vinham à memória e que agora se encaixavam em uma ordem diferente do mesmo quebra-cabeça, que afinal formava aquele indecifrável olhar de Yolanda, profunda e surpreendida. De repente rememorava frases suas (*“de quem você gosta mais?”*), reações aparentemente ingênuas, situações que desde aquela noite me atormentavam, tratando de transformar ingenuidade em frieza e seu amor em simulacro.

Vivia em um estado de permanente alerta e ansioso. Agora recordava as palavras de mamãe, que me advertia com pesar, *“fique de olho, filho”*, apontando com a sobrancelha para Yolanda, sentada sozinha com ar de chateação em meio a uma reunião familiar. Observava-a e como tantas vezes costumava passar conosco, parece que percebeu e me encarou com um sorriso que agora (depois do ocorrido) me parecia retirado de uma gaveta de máscaras, quase impecável. Mamãe baixou a cabeça e foi a última vez que se referiu ao assunto, embora naquele momento não a houvesse compreendido. Com certeza se referia à sua vertente dissimulada, como se por detrás atuasse uma mulher segura, que sabe aonde quer chegar.

Na manhã seguinte ao ocorrido, notei que estava mais quieta, talvez devido ao peso de meus pensamentos, que carregavam o ambiente, mas em seus silêncios e gestos também havia tristeza. Não era *esse* o sentimento que esperava, é certo que em nenhum momento ela abordaria o tema (*evidentemente* era algo que me corresponderia fazer), mas ansiava ao menos encontrar em sua fisionomia pinceladas de vergonha, de remorso ou ao menos um sinal, algum começo que mostrasse que nunca mais voltaria a ocorrer.

Em parte, decidi seguir o jogo, dar corda, tentava sorrir, abraçá-la, corresponder a um beijo, mas inegavelmente já existia uma barreira formada por cacos de sentimentos insones. De repente, Yolanda era todo um mistério para mim, por trás de sua imagem de

candor agora entrevia inveja e ambição. Já não identificava nela essa ignorância que nos torna inocentes. Sua ingenuidade parecia um álibi de suas intenções e me admirava que Yolanda se movesse com naturalidade inata sobre o fio da navalha, sem assombro ou incômodo, sem lembrança nem confissão.

Mas era uma situação que com o passar do tempo não se sustentaria, esses largos silêncios vigiados, teríamos que falar a respeito, já que efetivamente se havia rompido a confiança por mais que ela tratasse de negar os acontecimentos e Rocío me assegurasse que eu definitivamente estava indo ao diabo, *“não me metas nas tuas neuroses que já tenho o suficiente com minhas coisas”*, advertia-me endossada por olheiras mal humoradas.

Assim que, nem bem o fato havia esfriado e nossos olhares se haviam cruzado, Yolanda já conseguia tirar Rocío do enredo e eludir abordagens diretas, como se estivesse ganhando tempo para reacomodar a cena do delito e derivar, com suas reações ausentes, a que aquele ato somente tenha existido em minha mente, que talvez nunca sucedeu daquela maneira, *“fica de olho, meu filho”*, dizia-me mamãe e agora penso que a chateação de Yolanda era simplesmente por não ser o centro das atenções daquela festa em família, porque naquele momento todos os focos eram para a mãe, que pedia licença para amamentar Victoria, unidas pelo pequeno milagre de não sucumbirem à asfixia perinatal na hora do parto, o temor da morte e seu triunfo convertido em nome. Victoria e seus quietos órfãos.

Mas não me animei a falar-lhe na manhã seguinte, nem quando nos despedimos de Rocío e da chorosa Victoria, cujos gritos subitamente se afogavam com a porta do elevador que nos encaixava no silêncio isolado que se multiplicava pelo espelho sem olhares. Durante o trajeto diário, falamos sobre algumas amenidades e quando, por fim, desceu do carro, despediu-se decididamente sem olhar para trás. Atuava como se somente reagisse, como se eu fosse o responsável de que tudo se apodrecesse. Talvez desconfiava que eu tivesse contado tudo a Rocío, que a tivesse exposto, talvez esperava manter tudo oculto, compartilhar um segredo apenas nosso, uma atuação paralela e ao dar-me conta até onde meus pensamentos chegavam, tive que dar razão a minha esposa de que estava ficando louco, *fica de olho, meu filho, de olho!*

II

– Aconteceu algo? – perguntou Rocío ao me ver mais cedo em casa.

Inventei um par de situações do trabalho, nas quais não acreditou. O assunto tinha me ocupado todo o dia, já tinha elaborado as alternativas, mas as queria ver *in loco* e também sentir a Rocío. Disse-lhe que vim decidido a tirar Victoria do raio de ação de Yolanda, ao menos pelas noites nas quais todos os gatos são pardos.

– Desde que elas passam as noites juntas, a Victoria já quase não se queixa mais, até a sua tosse melhorou – respondeu com certo cansaço. – Se te obceca tanto, vá dormir com elas. Eu necessito de descanso.

Pareceu-me justo e necessário. Yolanda recebeu a notícia com uma alegria tão autêntica que me deixou desconcertado. Jantou com pressa, pediu licença para levantar-se da mesa, escovou os dentes e alguns minutos depois me avisou que o quarto já estava arrumado, que colocou o colchão mais próximo a sua caminha para que pudéssemos conversar sem incomodar a Victoria.

– E também já escolhi uma história para que você a leia para mim antes de dormir – avisou como modelo de boa menina.

– Daqui a pouco, vou – prometi enquanto sentia o olhar de minha mulher, que seguramente balançava a cabeça negativamente.

Passavam as noites sem nenhum sobressalto. Notava que Yolanda tinha o sono leve. De vez em quando dava volta em sua caminha e me perguntava:

– Está acordado, papai?

Talvez estivesse me tateando. Nessa noite decidi que não responderia. As cenas eram quase idênticas às daquela noite: quarto à meia luz e o leve choro de Victoria.

– Está acordado, papai?

Permaneci quieto.

Endireitou-se na cama e, com almofada em mão, dirigiu-se até o berço de Victoria. Meu coração se acelerava, estava totalmente alerta para salvá-la: “*fica de olho, meu filho*”. Parou diante do berço e vi que, antes de jogar a almofada por cima da irmã, havia me olhado para certificar-se de que eu dormia, apesar da insistente tosse de Victoria. Pequena, notava que tinha dificuldade devido à altura da grade do berço e, realmente, dessa perspectiva, dava a impressão de que tentava asfixiá-la “*de quem você gosta mais?*”. Quando decidi intervir, notei que Yolanda por fim conseguia equilibrar-se sobre a grade e, com as mãos livres, conseguia ajeitar a almofada por debaixo do peito de

Victoria que, poucos segundos depois, deixava de tossir. Satisfeita, voltou a sua cama. Yolanda voltou sem nunca ter ido.

Como borbulhas, minhas suspeitas estouravam e se desvaneciam, da mesma forma que os conselhos de mamãe, meus redemoinhos de precipitações, de pensamentos envenenados. De todas as fantasiosas conjuras, somente ficou a certeza de que Yolanda, desde que nasceu, é velha, muito velha.

Ego

*“O homem superior age antes de falar
E depois fala de acordo com suas ações.”
(Confúcio)*

I

– Digamos que é uma espécie de incompatibilidade ideológica – disse Daniela anunciando a sua decisão de separar-se de mim, como se fôssemos camaradas de uma causa política.

Lamentavelmente naquele momento não me vieram à mente algumas das excelentes respostas que mais tarde me ocorriam sem parar e que repeti em minha imaginação. Via como abria sua bolsa falsificada com suas unhas pintadas, buscando a chave do carro e como ajeitava o cabelo em um só movimento ondular que incluía levantar-se da poltrona rumo à porta, acompanhada do impaciente ruído de seus saltos altos. Notava-se que ansiava por sair dali, como se tudo não passasse de um trâmite inconveniente: pela manhã fazer a caminhada com Cássia, depois almoçar com sua família, logo separar-se de mim justo a tempo de não perder a *avant première* de um filme italiano.

– Na verdade, quem deveria sair é você – afirmou com tom de calculado drama e ameaça, o que confirmava que tudo estava planejado, a frase, o momento, o giro de cabeça, luz, câmera, zoom e tchau.

Com a porta que se fechava, absorvi o impacto e fiquei inerte por um indeciso momento, que por fim decidi esquentar a chaleira, porque definitivamente penso melhor preparando-me uns mates amargos, não importando o quão crítica seja a situação. Menos mal que se tratava de uma tarefa rotineira, porque ao mover-me sentia o coração acelerado, o sangue subindo até a cabeça, até pulsar em minhas têmporas, consciente de que algo se quebrava definitivamente, o orgulho ferido, uma tontura, confusa solidão, Como em uma autópsia ou investigação policial, tratava de ordenar as ideias e acontecimentos, intercalando largos blocos de ausência (nos quais não sei onde estava nem em que pensava), com esperança de me deparar de alguma forma com uma revelação, alguma pista ou acusação. Sobre minha roleta de memórias, entre goles amargos de mate, a bolinha caiu sobre uma cena no supermercado no fim do ano passado.

– Em dinheiro ou cartão? – perguntava-nos a caixa.

Tinha me esquecido da carteira no carro e lhe pedi à Daniela para que assumisse a conta.

– Não, meu amor, te espero aqui até você voltar com a carteira. Não usarei do meu dinheiro para que se empanturrem teus amigos – respondeu quase à beira da indignação. Olhou para o caixa, que balançava afirmativamente a cabeça e com isso o assunto parecia definitivamente encerrado.

Naquela noite, durante o trajeto para casa, certa dualidade não me saía do pensamento e agora se destapava novamente. Ativava o pisca-pisca e o ruído ritmado me dizia: “meu dinheiro, teus amigos, meu dinheiro, teus amigos”. Subia os degraus da escada e os contava na cadência de “meu dinheiro, teus amigos”, guardava as compras na despensa e as separava de acordo com “meu dinheiro, teus amigos”. Para minha fingida surpresa, encontrei entre os ingredientes do churrasco da noite um pacote de granola, iogurte desnatado, chá verde e cremes.

– Creme hidratante nutritivo... – li com atenção – melhor se aviso aos rapazes que o comam com parcimônia.

Sei que meu comentário lhe sentou mal porque passou a noite um pouco ausente, entre cochichos com Cássia, distante de mim. Nem sequer ria das desopilantes histórias que nos contava meu irmão Lucas. Creio que nesse instante poderia ter me dado conta de tudo, pois aquela cena já o dizia tudo. Ali ela me mostrava como era, o que realmente lhe importava e optei por ignorá-lo, por ser coautor. Realmente dinheiro não é um tema romântico, mas faz cair as máscaras quando percorrem a interminável e satânica escada da vaidade e da inveja. As pessoas se transformam, os amigos, as personalidades, Daniela, eu...

– Vamos ver, amorzinho, o que você quer dizer com “meu dinheiro, teus amigos”? Por acaso é “tua vida, minha vida”? – era a pergunta que não foi e que agora lhe propunha de meu exílio.

Enquanto o mate amargo se ia lavando, uma certeza aumentava: o suposto amor de Daniela era proporcional a minha situação financeira e suas possibilidades de férias, Instagram, noites de bares, Facebook ou jantares, You Tube. Minha cotação dependia disso, da subida do dólar e das chuvas no campo, aos olhos de Daniela, eu perdia valor de acordo com a diminuição de clientes do meu lava rápido, resultado de outra crise econômica do país, “meu dinheiro, teu governo”.

Ao final notei que vivia sem olhar, atuava sem pensar, estava sem sentir e que sempre o soube. Mais amargo que a erva-mate.

II

Passadas umas semanas, essas conclusões não apaziguaram a raiva. Apesar de que não éramos casados, não medi esforços em tirar o máximo de bens possíveis, atacá-la onde mais lhe doía. Inclusive insisti em coisas supérfluas e ao cabo de uma semana de intensos debates, acompanhado pelo doutor Jurado (cliente do lava rápido e advogado aposentado), encontrava-me na edícula do lava rápido, coberto de móveis e de pilhas de caixas com utensílios exóticos, tais como uma waffleira, um forno de pão e um modelador multistylar para obter um penteado liso: “*meu dinheiro, teu frizz e que garoe todos os dias!*”.

– Te entendo, mas você sabe que não faz o menor sentido – dizia meu irmão Lucas escondido detrás de alguma caixa. – Dizem que a melhor maneira de se vingar é não se assemelhar ao seu inimigo...

Enquanto Lucas tratava de entender o que sucedia, sua mulher Verônica, mais prática, obrava o milagre de arrumar um canto onde eu pudesse relaxar sem me sentir agoniado ou ameaçado pelos objetos: uma poltrona, um criado-mudo, um simples altar para a Virgem, uma lâmpada, uma janela e algumas dúvidas.

Passou a ser meu lugar oficial, do qual observava como a noite se infiltrava e como os móveis e suas sombras disformes cresciam, principalmente aos domingos, quando o tempo se fazia notar. Parecia que minha alma estava empacotada e pensava que, se Deus aparecesse agora e me perguntasse que fiz de minha vida, a resposta seria este patético *showroom* de ilusões em oferta.

Também a ausência de Daniela era estranha: claro que sua falta se fazia notar, mas a dor não era visceral, era mais bem uma constatação. Entendia que Daniela interpretava sempre, que essa era sua maneira de ver a vida, um teatro que exigia vários papéis e personagens enquanto eu era um ator coadjuvante de um filme ruim. Vivia em uma zona de conforto da qual precisava sair, sentir urgências, entendê-las, sonhar.

Pouco a pouco decidi desfazer-me das coisas. A primeira em ir foi a mesa do comedor com suas quatro cadeiras que, após alguns lentos tragos de mate e lembranças de amizades aparentes, revelou-se como inútil. Não tive pressa. Subi os móveis na camionete e dirigi sem destino pelo bairro, sentido a periferia onde recentemente houve uma inundação. Escolheria pelo rosto, pela intuição, por algo que me importasse, sem saber o que realmente poderia sensibilizar-me, tão pouco me conhecia interiormente.

Na calçada, sentada em uma cadeira de balanço, encontrei uma senhora com olhar de desencanto. Sua fragilidade, sua idade e sua desolação me comoviam, por fim algum sentimento genuíno. Chamava-se Pilar, de casa muito modesta com paredes ainda úmidas. Ficou muito feliz com a mesa e as cadeiras e insistiu que ao menos eu ficasse para um mate cozido. Relatou-me da inundação, de que foi ajudada pelos vizinhos que eram como uma família, “gente muito decente, graças a Deus”, assegurava, recordando-os com gratidão úmida. Insistiu para estender uma toalha de mesa que tinha guardada e ao tomar o mate o fez sorrindo.

– Agora o mate tem outro sabor – comentava. Eu já não pensava mais em Daniela.

Uma semana depois foi a vez do sofá cor berinjela estranho, que compramos em uma tarde de horrores, na qual percorri quase todas as lojas da cidade até encontrar o tecido justo que atendia a todos os caprichos de Daniela. Agora ele me encarava surgido detrás das fumarolas do cigarro, estático, inconsistente, desafiante. Ainda me lembrava do ar de satisfação e de vitória de Daniela ao subir as primeiras fotos em sua conta no Facebook e me perguntava que diabos fazia eu naquele momento, sorrindo sem sentido, compartilhando fumaça. Que cretino...

Decidi-me pelos vizinhos da dona Pilar, apresentei-me e lhes perguntei se aceitariam minha doação. Enquanto descarregava os móveis com outras cadeiras e roupas diversas, notei como a dona de casa consultava dissimuladamente a dona Pilar, para assegurar-se da veracidade dos fatos.

– Não posso acreditar que me caiu um sofá do céu! – exclamava desconfiada e foi tudo o que disse.

Nesse dia voltei para casa sentindo-me como um instrumento da justiça divina (digo-o com modéstia) e com um cachorro vira-lata que, segundo a dona Pilar, foi abandonado semanas atrás naquela região. Com respeito à Daniela, não senti qualquer sabor de vingança porque me dava conta que éramos cúmplices, que também entregava meus fracassos, melhor aceitar os fatos de uma vez por todas.

Estávamos compartilhando algumas faixas de sol, ambos limpos, alimentados e sem solidões, eu tomando mate e o cachorro cochilando quando essa sensação leve de dilatado bem-estar, esse esquecido estado de paz me invadiu. Porque surpreendentemente também me sentia cúmplice da dona Pilar e de seus vizinhos sentados no sofá berinjela e, por um momento, tive a impressão de que rezavam agradecidos. E foi nesse instante que voltei a sentir meu nirvana plebeu.

Por alguns segundos, sinto como essa paz se alastrava por todo o corpo, como tudo mudava de perspectiva, sentimentos revelando-se, caminhos abrindo-se em um estado de contemplação. A sensação de paz, filha da caridade, esquentava minhas mãos e meus pés sempre frios, relaxava meus músculos. No coração e em minha mente, os rancores, as censuras e as tristezas eram invadidas por essa paz, pela verdadeira essência da oração que suavizava todos os pesos. Senti-me unido a Deus e tudo era alívio em minha alma.

Não sei quanto tempo durou esse instante. Voltar foi como despertar de um sonho.

III

A lembrança ainda me emociona e costumo contá-la quando nos reunimos em algum barzinho de moda ou quando Célia convida nossos amigos para estrear o forno de pizza (o mais difícil foi encontrar os guardanapos tricolores como ela insistia obstinadamente). Sei que não se deve ostentar as boas ações, entretanto, creio que exemplos como o meu servem para multiplicá-los em nossa sociedade.

– Ah, que lindo! – suspirava Célia ajeitando seu cabelo – Tão sensível, o meu amor. Doou tantas coisas. E tudo isso quando o lava rápido ainda passava por tempos apertados...

Meus amigos silenciavam, creio que como forma de me aplaudirem mentalmente e por uns segundos instalou-se certo ambiente de reflexão e, de minha parte, de evidente rubor. Menos mal que não estava Lucas para quebrar esse encanto com seus comentários inoportunos, de que todo rejeitado sentimental é caridoso, que uma vez acabadas as pilhas de caixas também se haviam acabado minha caridade.

– Momento selfie! – gritava a melhor amiga de Célia e tudo voltava ao seu lugar, ao de sempre.

Sorri duas vezes e logo saí a fumar. Ao fundo, descansando sobre uma pedra sob o sol, estava o cachorro. Mal me viu e já vem correndo imediatamente. Emociona-me e me condena porque acredita que mudei verdadeiramente.

A casa

*“Só os mortos conhecem o fim da guerra”
(Jorge Santayana)*

Há uns dias procurávamos madeira entre os escombros, quando escutamos os primeiros disparos e o ruído dos aviões que sobrevoavam a cidade. Era o sinal para que tentássemos regressar a um refúgio o quanto antes, se possível junto à mamãe, com a vó e suas orações, sentir a morte espreitando, impotente fragilidade do destino. Todos esperávamos o veredito de Deus: seria hoje a nossa vez? Quais pessoas sofrerão?

Já ao cair da tarde, minha angústia havia chegado ao limite. Caminhava enjaulado no porão tomado pela apreensão gerada pelos ataques, atento a algum sinal ou ameaça. Curiosamente era o silêncio dos bebês o principal indicador de trégua, anjinhos da momentânea paz. Durante as horas de combate choravam ou se queixavam sem cessar, inquietos e incomodados, mas em certo momento se calavam, buscavam pelo calor de suas mães, jogavam com suas próprias mãos, olhavam os cansados sorrisos dos irmãos, distraíam-se, o que parecia ser um presságio de inexplicável trégua. Todos ficávamos exaustos. Havia o alívio de seguir vivos, mesmo que fosse para passar os dias contando perdas e esperando por notícias, nenhuma boa.

Ansiava por sair. Era uma tarefa que antes era executada pelo meu pai, até que foi baleado por um dos lados dessa guerra que nunca foi nossa. Mamãe tinha muito medo com as primeiras saídas, mas, em nossa situação, não havia espaço para certos temores. Já tinha dez anos e era o substituto natural de meu pai, melhor que eu o fizesse, que meu irmãozinho ou algumas das comadres que eram toda a nossa fé, nosso amor e esperança. Às vezes, suspeito que nem sequer elas têm forças para muito mais.

Em silêncio lhe fiz um sinal de que por fim sairia. Em seu olhar, notei que me abençoava e que orava por minha proteção. Não olhei para o meu irmãozinho porque sei que é medroso e que gosta muito de mim. Ao primeiro ruído de avião saía correndo ao meu lado e costumava perguntar-me com ingenuidade: *“te parece que hoje morreremos?”*. Esses eram todos seus sentimentos, como há duas semanas, quando se aproximou preocupado durante um ataque similar para perguntar-me:

– Lembra onde estava a escola de música? Hoje creio ter visto entre os escombros algumas madeiras de móveis. Te aviso, por via das dúvidas...

Agradei e observei como voltava a sua posição, sentado no chão, encostado contra a parede, esperando, conformado com a possível morte, cabisbaixo. Eu já não sentia dor, porque de outra maneira não suportaria. Sua vida já não tinha muito valor para

ele, suas perspectivas não passavam de minutos, suas preocupações ou objetivos eram a madeira para esquentar, para ferver a água das chuvas, dar-me informação em caso de morte, caso não nos voltemos a ver, caso o nada...

Saí à rua e ainda não havia anoitecido. Depois dos combates, o silêncio de morte reinava soberanamente. Entretanto, pouco a pouco, escutava-se alguma voz, alguns gritos, alguma música, mas a sombra da morte nunca deixava de estar presente. Eram os momentos em que mais se bebia no bairro, parece que as pessoas necessitam de fortes tragos para baixar a surreal tensão dos momentos de terror e de ansiedade por meio do veneno do esquecimento. Hoje, aparentemente, a zona não foi afetada. Normalmente nós, garotos, éramos menos receosos em voltar a ocupar as ruas, por sermos facilmente identificados como não combatentes. Também tínhamos um código de assobios, parecidos aos que usávamos antes para brincar no bairro ou na escola, agora agregando novos códigos para minas, atiradores, feridos.

Os primeiros rumores davam conta de que o alvo havia sido a zona da baixada. Era um dos meus temores em meio deste irracional caos de esperança. Ali se localizava nosso bairro, nossa infância, memória, vida e também era onde dizíamos estar a nossa casa, a que abandonamos para fugir dos invasores de turno.

Nunca a esqueci, é tudo o que temos. Vi muitas desgraças, muita tristeza, me dão lástima minha mãe, meu irmão, meus vizinhos. Quando notava que estavam tristes e que duvidavam de suas forças, escassas esperanças, lhes dizia que tudo passaria, que se recordassem de suas casas, porque um dia voltaríamos. Voltaríamos à nossa casa. Era o símbolo do recomeço, era aonde iríamos quando tudo terminasse, quando por fim trataríamos de levar uma vida normal.

– Que te parece se compartilhamos um quarto quando regressarmos à nossa casa?
– perguntava a meu irmãozinho, quando o via desanimado. – Assim sobra um para brincar.

Em seguida, seus olhos se iluminavam, um futuro se desenhava sem pesadelos solitários, apesar de que certas coisas nunca voltariam à normalidade.

Depois de dias de trégua, decidi ir com os primeiros raios de sol até a baixada. O mais difícil era fazê-lo escondido de mamãe. Avisei ao meu primo, por via das dúvidas... Se por um lado, as ruínas da cidade dificultavam a locomoção e a localização, por outro lado eram práticas e improvisadas barricadas diante de possíveis disparos. Pude aproximar-me sem maiores inconvenientes até o edifício da antiga sede da Escola de Comércio, onde meu pai dava aula de Estratégias de Mercado. Em minha memória,

resgatava as ruas e caminhos que agora estavam bastante destruídos. Estava a vinte quarteirões de casa!

Nunca estive tão próximo nos últimos onze meses.

Minha ansiedade já não dava para mais, em especial, ao verificar que nos últimos dias os combates se intensificavam com o uso de maior poderio belicoso, o que era uma ameaça a mais para a nossa casa. Com isso, as tropas militares avançavam, nossa zona seria praticamente recuperada e os combates importantes se desenvolveriam em outra direção. Decidi vê-la. Apesar dos escombros, conhecia esse local como a palma de minha mão. As ruas estavam desertas.

Meu coração batia fortemente ao ver a esquina da barbearia do senhor Samir, com uma das vitrines ainda intacta. A quitanda de Mahmoud também estava em bom estado, mas a escola estava bastante pior, mas reconhecível. O silêncio me dava medo, minhas pernas tremiam, avançava por entre as casas, por seus quintais e jardins, desertos de felizes memórias. Pulei o muro da casa da viúva Lina e, tal como lembrava, de lá já seria possível avistar os fundos da nossa.

Seguia ali, linda!

Aproximei-me com cuidado, sem precipitações. Não havia ninguém. Notava-se que havia sido ocupada por momentos, mas ficaram a mesa, os bancos, alguns quadros, quase todas as paredes, parte da escada. A notícia era animadora. Mentalmente, agradeceu a Deus, sem jamais desconcentrar-me ou emocionar-me demasiado, aprendizado que por aqui pode valer uma vida. Decidi acercar-me ao balcão do meu quarto para observar o bairro e assim trazer notícias aos demais.

De repente, escutei disparos muito próximos e instintivamente me joguei ao chão. Os tiroteios seguiram por largos minutos, até que passei a registrar gritos, portas que se abriam, passos e, num piscar de olhos, dois rebeldes entravam em meu quarto, ambos armados, um deles ferido. Fechei os olhos esperando o tiro de misericórdia, o final de minha vida na seguinte fração de segundo.

– Levanta devagar – ordenaram sem rancor.

Revistaram-me e me indicaram o canto do quarto onde deveria permanecer sentado e calado. Creio que meu deplorável estado lhes assegurava minha passividade. O mais velho dos dois estava ferido no braço, consequência de um tiro, perdia sangue e estava muito cansado. O menor, que não parecia ter dezoito anos, estava muito nervoso e não sabia o que fazer. Dava-lhe um pouco de água, rezava e o abraçava. “Morreremos

lutando, mas não te deixarei”, repetia insistentemente. “Antes explodo *tudo* e levamos alguns deles conosco”.

Imediatamente, pensei em minha mãe e no meu irmão, na casa, em nossa inexplicável e torpe esperança. Diante de tantas desgraças, não me surpreenderia morrer ironicamente em minha casa, depois de tanto tempo sentindo saudades dela, elevando-a a símbolo do porvir. Minha vida tão pouco me parecia valer muito, mas o meu pesar era devido a outra esperança, a da minha mãe e de meu irmão, que literalmente se desmoronariam.

– Primeiramente aplique pressão na ferida, nos pontos sangrentos. Você tem um pano, um trapo de roupa? – expliquei com voz calma e com calma ao irmão menor.

– O que você está falando, moleque? – me desafiava surpreso, mas com um fio de esperança que pairava no som de sua voz.

– Se se empapar de sangue, tem que trocá-la. Tem que controlar a hemorragia e extrair os fragmentos da bala. Têm que chegar ao seu agrupamento, é o único que o poderá salvar – assegurei baseado nas repetidas experiências ao longo de anos de guerra.

Não sentia pena, nem comiseração. Nem ódio. Tudo o que ansiava era que saíssem de nossa casa, que a pudessem preservar para o meu irmãozinho, para confortar a minha sofrida mãe, para que suas paredes um dia voltassem a encher-se de conversas, de rotinas, de paz, tudo menos meu abstrato sangue respingado. Que, ao menos, morresse longe de casa.

– O moleque tem razão – afirmava o irmão mais velho que parecia recuperar um pouco de forças.

Já não havia tempo a perder, estava por anoitecer. Havia que aproveitar a melhora do irmão mais velho e sua esperança de sobreviver.

– Sei como sair. Conheço tudo por aqui, nasci aqui – propus.

Vi como discutiam um pouco entre eles e como chegavam a um acordo.

– Você será o primeiro a partir ao inferno se você pisar na bola, entendeu moleque? – avisava-me o mais velho.

Durante minha rota de fuga sabia que ao menos duas armas estavam apontadas para minha cabeça. Entretanto, meu maior medo era que houvesse outras e que em dois segundos tudo voaria pelos ares. Primeiramente, fomos até o fundo de nosso jardim e passamos ao do senhor Samir, protegido pela macieira que unia nossas propriedades e elevava o bolo de maçã feito por sua mulher a esferas lendárias. Seu terreno tinha uma

porta lateral, que dava com uma rede de vielas que eram como artérias secundárias que irrigavam de vida o nosso bairro.

Avançávamos agachados, em curtas corridas e sempre me mandavam primeiro aos pontos críticos, aos cruzamentos, por via das dúvidas... Entregava minha vida a Deus e lhe agradecia por ter salvado a nossa casa. Isso me tranquilizava. O perigo parecia distanciar-se à medida que progredíamos com um pouco mais de fluidez. Meus caminhos pareciam seguros e em menos de vinte minutos chegamos à Alameda da Fé, como chamávamos a avenida onde se encontravam os templos de diversas religiões que naquelas épocas conviviam por aqui e que agora eram meros escombros.

– Ao fim da avenida está o caminho que vai ao norte – indiquei sobre as ruínas.

Sem mais, lhes dei as costas. Não estava muito longe de casa. Bastava descer pela arborizada alameda de minha memória, dobrar à direita depois do vendedor de balas ao lado da estação de ônibus, seguir reto pela concorrida zona cerealista até a padaria do senhor Faruk, com seus aromas que seduzem e com o chá de menta. Logo, bastaria guiarme pelos cheiros de especiarias até a rotatória do mercado central, que a essa hora está sempre em ebulição. De lá, era subir até o colégio de meninas, a um par de quadras de casa.

Outra vez pensei em meu irmãozinho. *“Os que soltam bombas dos aviões não sabem que estamos aqui embaixo?”*, costumava perguntar-me correndo quando escutava as explosões.

Apesar de tremer horrores, comecei a caminhar sobre a navalha dos segundos. Outra vez me acompanhava a sensação que fuzis apontavam para minha cabeça, quase os via com minha sombra inclinadamente projetada sobre o empoeirado sendeiro até minha casa.

Talvez encontre pelo caminho uma flor de Iris azul, destas que mamãe tanto adora.

O domingo

*“O amor não se vê com os olhos,
mas com a alma.”
(William Shakespeare)*

Sempre sonho com o calor, a carícia do mar e da praia, Mamãe com o cabelo solto ao vento, o sorriso como continuação dos braços abertos enquanto corro até ela, a confiança do imutável, a segurança de escutar suas cálidas palavras, *“podemos tudo”*, o amor e o coração. A felicidade plena onde não existe o som do despertador aos domingos, o sonho superando a realidade, a certeza diante da dúvida, corro, Mamãe, os braços, a praia, o carinho, esqueçamos a outra realidade, esse simulacro que o insistente despertador não conseguirá colocar em seu lugar.

Sim, meu carinho, minha princesinha (sei que teu Papai detesta esse apelido), eu te protejo, eu te amo e a vida é o que queremos que seja. Bruto é o mundo lá fora, insensíveis são as pessoas que não podem ver mais além, porque teu Papai não se deu conta, não valorizou o essencial, por isso te dou tudo, meu carinho sem medidas nem limites, nosso mundo basta e que ninguém nos diga o que fazer. Aqui você tem o que necessitas, aquilo que deves sonhar e amanhã vamos ao cinema, você sentadinha ao meu lado, nos divertimos comendo pipoca, você entendeu o fim do filme? Você nem bem tem seis anos, já te explicarei, você tem que entender! Você não é como as demais meninas de tua idade, você é diferente, você é minha princesinha, estás em nosso mundo e não me perguntes de Papai, não o busques nos filmes, você não está se divertindo?

Aproveite bastante, porque amanhã é domingo e ele virá para te pegar, não fique triste, pense na Mamãe que o tempo passará rapidamente, pense em como te amo, erga a nossa fortaleza, nossos castelos com as altas torres do coração onde ninguém te alcançará. O amor, *nosso amor*, é a chave, ele a perdeu e jamais pensou em você, já deve ter outra (*“você viu alguém aos domingos?”*), nos abandonou, dá na mesma que venha todos os domingos te pegar, da altura da torre não o poderás escutar, as palavras são inúteis e não te preocupes pela minha saúde, tenho muitas dores, mas já vai passar, não me olhes com esses olhos, te asseguro nosso mundo, não te preocupes...

Que linda praia, Mamãe, menos mal que está deserta, mas por que ele tenta nos visitar nos sonhos? Gosto deles, me fazem esquecer do despertador que te parece tão terrível, aqui sou livre e feliz, mas, por que me pesa o espírito? Vou correndo, Mamãe e não olharei ao redor, não é preciso, já o sei, mas não sei como ele faz, porque em algum lugar o sinto... Como é infinito o mar, como brilha o céu e não posso gritar porque não

sei o que sairá de dentro, talvez você não goste, por isso vejo somente teus braços, melhor assim, Mamãe, cuidarei de você e sou feliz, maldito despertador. Seremos fortes e te acompanho, sou a princesinha e somos diferentes, a praia está assim como gostamos, talvez podemos ler um pouco e discutir um conto, enquanto te cuido e te acaricio o cabelo, *eu* não te abandonarei. Prometo que também não darei ouvidos quando me falar com carinho, estarei na torre longe da doçura que engana, porque você me disse que nos abandonou, fique tranquila, o ignorarei como você recomendou, depois te conto para que tenhas orgulho da princesinha.

Talvez é melhor acordar, o sonho é lindo, Mamãe, mas não sei como faz, ele virá nos ver mesmo que a praia seja nossa e nosso céu seja infinito, porque dentro de pouco será domingo... Não o chamo, Mamãe, o evito com todas as forças, é nosso sonho, é nossa história, mas aqui, liberta do corpo, existem sentimentos que não podemos controlar, então, como ele vem? Você o está chamando ou sou eu? Talvez não nos abandonou mesmo que te doa o corpo, que você sofra. Desculpe-me, seremos fortes e vamos ao cinema, porque nos divertimos, apesar de eu não entender muito bem os enredos que você tanto gosta, ele não nos ama, já o sei, obrigado, Mamãe, pelo amor, é tudo o que nos resta e é suficiente, vou te cuidar, sei que virá, o que significaria despertar-se agora?

Venha, minha menina, venha correndo, que adoro teu sorriso, me faz esquecer. Ajeitaremos tudo, não importa o mundo lá fora, você é meu mundo e me dedico por completo a você, por inteira. Emociona-me a tua pureza de menina, a ingenuidade de sentimentos, as emoções intactas que a vida moldará, mas eu te ajudo e te conto tudo, te dou tudo. Você é pequena, mas tem que compreender, me doem a pele, os músculos, as articulações, devido ao sofrimento e aquilo no útero é apenas um cisto ou um nódulo, o médico disse que talvez seja necessária uma biópsia, comento contigo porque tomamos as decisões juntas, te preparei a roupinha e a mochila e não vás perder a blusa! Quando você voltar me contarás tudo, pobre menina, não sofras, estarei contigo, por acaso alguém ligou para ele? Você lembra-se do nome? Elisa? Cristina?

Comovem-me teus olhos, eram azuis quando você nasceu, como os de Papai, mas são mais lindos agora, cor de mel, como as pegadas de nossa história, são um reflexo da alma. Se que não me trairão, faço tudo por você e ele não te dá atenção. Hoje pela noite veremos um filme em casa e comeremos pizza, reparou que gostamos do mesmo sabor? Mandarei uma mensagem ao celular, não o mostre para ninguém, estarei aqui sozinha, esperando por você. Comporta-te bem e não te esqueças de tuas responsabilidades, nem caias em suas armadilhas de sorrisos ou de psicologias baratas, ele não merece teu amor,

mas sim o teu desprezo, o abandono se paga na mesma moeda princesinha, mas não me olhes assim, com estes olhos azuis, não me perguntes por que me doí o corpo ou o que são nódulos ou cistos, apenas comentei para que não existam segredos, simplesmente doem e surgem porque me fez sofrer, não merece ser feliz. Não me lembre nem me pergunte, não há necessidade, porque aqui está nosso mundo, esse sonho antes que toque o inevitável despertador, a praia, os castelos e as torres, os braços abertos, sigas correndo, não olhes para o lado, melhor correr de olhos fechados contra a brisa, não sei se o chamei ou se foi você, mas pode ser que nos visite, melhor se te abraço mais forte, princesinha, enquanto te agitas na cama, estou contigo, minha filha.

Sigo correndo, Mamãe, posso fazê-lo de olhos fechados, porque você me mostrou para onde correr, mas precisamente de olhos fechados o vejo com maior nitidez e não posso gritar. Não te traio, Mamãe e vou te cuidar, mas se aproxima quando fecho os olhos enquanto corro até você. Vejo com os olhos da alma e estou confusa, Mamãe, não acontece o mesmo contigo? Aqui, na nossa praia e sonho, me sinto menina e velha, uma alma sem defesa, tapo os ouvidos, mas ele me fala com o coração e sorri para mim... Existiria outra realidade, outro mundo? Não vou perguntar, apesar de que, por um instante é como se me respondesse com seu olhar azul que nada exige, que sempre me amou mesmo que te tenha abandonado, a essência está na alma, no sentimento, em seu amor. Desculpe-me pelo que disse, já sei que nosso amor, Mamãe, é o que nos basta, já o sei, melhor abrir os olhos para te ver ao meu lado na cama, algo não se encaixa e por isso os abrirei para entrar em nosso mundo, onde tudo tem o seu lugar e estamos seguras porque o mantemos longe de nossa vida, o domingo passará rápida e friamente.

Seremos fortes e não teremos dúvidas, não é certo, Mamãe? No te chateia com minha pergunta e não me recrimines, mas, não poderíamos colocar portas e janelas em nosso mundo, nossas fortalezas, castelos e torres? Existirão outros cômodos nos quais não nos atrevemos a entrar, onde haja luz, sol e cores que abraçam a tua pele e não alimentem os malditos nódulos e me aliviem deste pesar? Pronto, despertarei e será domingo, estou confusa, às vezes me pergunto aonde vamos e se tudo não seria diferente se não nos houvesse abandonado, mesmo que venha todos os domingos. Não o escutarei nem lhe responderei, sei que o ferimos assim e que você ficará feliz, não te trairei e muito menos serei responsável pelos nódulos nem pelo reumatismo, levarei a torre em minha mochila para voltar mais tarde a isto, nosso conceito, para correr até os teus braços e que tudo volte a fazer sentido. Mas, através de qual janela ele nos fala, Mamãe?

Daqui a pouco você irá acordar, minha querida, logo o Papai virá te buscar, hoje é domingo. Se eu pudesse evitar, o faria, seria o melhor para todos, talvez já nada me doesse mais. Até quando insistirá em vir? Tenho dúvidas, mas é necessário seguir, as janelas me assustam, melhor deixá-las fechadas. Estou triste e você é minha alegria, tento esquecer e você me faz lembrar, trato de fugir, mas a pitada azul de teus olhos me delata, é tua própria janela. Dentro luto como posso, por isso me dói tudo, como funciona esse mecanismo, o ciclo da vida? Nascestes de meu ventre e de uma esperança, você é a alma que se situa em nossa história da qual não consigo libertar-me. Como soltar-te se isso significaria indiciá-lo? Não é justo, não o perdoo, não o quero perdoar, tinha tantas ilusões, por isso não posso acreditar, nem abrir janelas, nem dar-te espaço, a luz deve ser o caminho, mas tenho que te levar comigo para que não me condene, venha, minha filha, a praia está deserta, não olhes, estás em segurança, feche os olhos e corra, eu te dou tudo, vivo por você!

Eu a vejo desperta, a vejo em teus olhos, princesinha, por isso os fecho para esquecer, talvez dentro de pouco se cansará e já não virá mais aos domingos, também te abandonará e você me dará razão, desculpe-me, menina, mas já é tarde, dentro de um momento tocará o despertador, te preparei a mochila para que subas às torres, colocarei tua blusa, não vá perdê-la!

O despertador já vai tocar e ele está cada vez mais próximo, Mamãe. O observo sonhando, solta das amarras da carne, deixo de ser menina, minha mente recupera sua consciência de espírito. Enquanto se aclara, os sentimentos do castelo se derrubam, temos que sair da torre, mamãe, existem janelas e temos que acreditar. A praia e o despertador, os olhos azuis fechados, mas com a janela recém-aberta, a fé diante de caminhos desconhecidos, o abandono que talvez tenha sido nosso, tantas coisas, como julgar? Como sairemos daqui, Mamãe? O amor se fortalece e pede para viver, quero gritar, mas não te quero ferir. É nosso caminho e temos que segui-lo, nunca é tarde, Mamãe, e não te abandonarei, talvez exista algo muito lindo mais além, em outras direções, olhando pelas janelas que abriremos juntas, onde o perdão e a esperança são bálsamos para o corpo e desatam nódulos, qual será a distância entre esses mundos?

Faltará pouco para que soe o alarme do despertador, minha filha, e logo tratarás de ignorar o insistente porteiro eletrônico, já conheço teus truques e manhas, me fazem rir, dissimulada espontaneidade. Estará meia hora esperando por você lá fora, minutos de desprezo e de indiferença, você terá que ir e eu ficarei sozinha, outro domingo sem você.

As tardes são vazias, sei que você sente igual, mas sem falar-lhe e reclusa, estaremos unidas por um sentimento, já esquecidas do princípio, que importa?

Acordo com o teu pesar, porque hoje é domingo. Do sonho, não lembro muito. Não sei se ele esteve ou não. Mas o senti, isso sim. Sentada no banco traseiro do carro, olho pela janela e evito o seu olhar. Pergunta-me sobre a semana, sobre os amiguinhos, sobre o que quero fazer neste dia lindo. Não respondo, ignoro-o por completo porque te abandonou, porque você tem cistos que o médico está analisando, porque te provoca dores no corpo, porque sou a tua princesinha. Seu olhar é triste. Dói-me muito, mas não sei o que fazer, não te posso trair.

– Veja, filha – diz com olhos azuis após tantos silêncios – todos os dias, antes de dormir, rezo a Deus para que um dia entendas o amor. Ele nunca nos abandona.

É assim que ele faz, é assim que se intromete em nossos sonhos, é assim como me alcança e me faz sentir seu amor que, ali, solta, não posso negar e que me alimenta. Quis perguntar se todos podemos rezar, se funciona com todos, mas não te quero enfermar, Mamãe.

Desde então rezo por você, para que acredites que Deus não abandona ninguém, para que abras as janelas de tua torre, para que nada mais te diga e para que me perdoes por querer amar.

A presença

*“A vida é um trânsito; o mundo uma sala de espetáculos.
O homem entra nela, olha e sai.”
(Demócrito)*

É evidente que algo passa em casa e que ninguém quer me contar. Pessoalmente não o esperava e de alguma maneira me sinto desprezada. Nunca fomos de falar muito, creio que o silêncio é uma das consequências diante das minhas dificuldades vividas. Se tivéssemos rios de dinheiro e mil luxos, certamente falaria pelos cotovelos, mas quando cada dia significa uma batalha, sem marido e com dois filhos, as palavras desaparecem ou se reduzem ao essencial.

Mas isso também tem limites. Está certo que poucas vezes lhe disse a Guillermo que o amava, temia que isso o amolecasse, uma vez que desde pequeno era o homem da casa e rapidamente teria que assumir responsabilidades que talvez a ternura desvirtuaria. Com Cecília, a coisa era mais complexa. Apesar de ser uma menina, diria que nossa relação, desde que o pai se foi de casa, era coisa de mulheres. Havia nela certa rebeldia que com o avanço da idade se convertia em censuras, atitudes desafiantes e uma interminável busca por distanciar-se de tudo o que pudesse assemelhá-la a mim, como se minha vida fosse todo o contrário daquilo que sonhava para ela.

A entendo, tenho consciência de que minha vida está muito longe de ser um conto de fadas, mas o que é que ela sabe da vida? Todos somos vulneráveis perante as armadilhas do destino, que se disfarçam de paixões e de ilusões, à mercê das más intenções. Também já fui jovem e resulta normal que possamos nos encantar ou fascinar por pessoas, que acreditemos em sentimentos grandiosos e intensos. Hoje me parece uma tolice, um conto, porque isso nem sequer se aplica às relações teoricamente mais sublimes que são as entre mães e filhos, a julgar pela maneira que me tratam ultimamente nesta casa, como se eu não existisse, definitivamente algo acontece por aqui. Além do mais, nas poucas vezes em que Guillermo se dirige a mim nas madrugadas, fica sempre a sensação de que seu desejo maior é o de que eu me fosse daqui, definitivamente.

Aos treze anos, meu filho já trabalhava no mercadinho dos Ferreti, onde permaneceu até chegar à maioridade. Enquanto muito de seus amigos passavam as tardes brincando na rua ou fazendo música, meu filho aprendia a ser responsável, a ver a vida como verdadeiramente é, com suas exigências e parcas perspectivas, para que mentir? Não havia espaço para fantasias nem quis que as desenvolvesse muito, porque futuros inalcançáveis são frustrações certas, não queria que passasse pelo mesmo que eu, que

depois de um dia fatigante retornasse à casa com um bilhete em cima da mesa determinando uma vida sozinha com dois filhos. Adeus futuro, adeus tudo e que não me venha Cecília me olhar com esses olhos de superioridade, com suas roupas justas, moldando suas curvas e decotes de jovem, como se tudo fosse culpa minha, minha inaptidão de atar um homem, esses laços que não se sustentam no tempo e que se corrompem com a carne. Teu pai se foi porque não prestava, entenda-o de uma vez por todas, Cecília!

Não é que eu administre o lar com mão pesada, mas algumas coisas são básicas e têm que funcionar. E cada um tem que fazer a sua parte. Eu me matei de trabalhar por muitos anos para cuidar dos filhos, como manicure, além do mais, passava roupa dos vizinhos em casa, de noite e estava claro que em determinado momento já não resistiria mais e que seria a vez deles de me darem uma mão em algumas tarefas. Mas não contava com a indiferença, que pusessem essas caras de vítimas como se eu fosse um peso em suas vidas.

Com Guillermo me dou melhor, o acordo cada manhã junto a sua cama e o acompanho enquanto prepara o café. Não o prepara exatamente da mesma maneira que eu, entretanto está melhorando. Creio que não segue minhas instruções por teimosia ou orgulho, apesar de ter notado que nos últimos dias aumentou a quantidade de pó e não deixou ferver a água para não queimar o café. É sua maneira de ser e interiormente chego a sorrir, mas logo me lembro de que tem que preparar o café da manhã de Cecília, sempre uma fruta e um copo de leite (tem problemas desde pequena com a falta de cálcio).

– O pão tem que ser integral, precisa de fibras – advertia a Guillermo e sua resposta foi um intenso bocejo na minha cara, fazer o quê? Não posso dizer que me acostumei com sua nova maneira de me tratar, mas talvez acumule certo estresse e já está contaminado com os novos costumes da juventude atual, na qual a superficialidade e o egoísmo suplantam o respeito e a consideração.

Confesso que depois que sai para trabalhar, há vezes em que choro. Antes os fazia no ônibus, quando voltava para casa, onde Cecília me esperava esparramada no sofá com o celular nas mãos, ao lado de soturnas pilhas de roupa para passar. Costumava ocorrer quando conseguia um assento ao lado da janela, contra a qual repousava minha cabeça e sentia a vibração do motor na testa. Não sei como explicar, mas era como um pequeno abalo interior, inicialmente como um arrulho que me fazia relaxar. Mais depois o tremor se alastrava por outras regiões e fazia cair as cascas que protegiam meus sentimentos nostálgicos.

A vibração do motor na janela, na noite chuvosa que caía, a gente com pressa caminhando encolhida em seus abrigos e sobretudos, o movimento do ônibus e as luzes borradas, meu hálito embaçando o vidro e minhas lágrimas que caíam em silêncio no vazio de onde já não existia o pai dos meus filhos, nem minha alegria, nem meus sonhos, nem a possibilidade de um descanso.

Nesses momentos, me lembrava irremediavelmente de minha falecida mãe e a vibração voltava a ser um arrulho, acomodava-me no assento como se estivesse em seu colo, acolhida com calor, amparada e compreendida em minhas penas que se desvaneciam com o seu calor.

Parei de chorar ao instante em que olhei para o relógio e percebia que no quarto de Cecília não havia movimento apesar de que, a essa hora, já devesse estar estudando ou procurando emprego. Talvez nem lembrasse que eu estivesse em casa, porque de uma hora a outra minhas clientes encontraram outras manicures (mais jovens e alegres) e também me viraram as costas como se eu estivesse com a peste. Mas isso não me preocupa tanto porque os clientes costumam ser voláteis, basta uma briga com o namorado para que botem a culpa nas unhas mal feitas ou que decidam fazer uma mudança radical na aparência, o que significa trocar de cabeleireiro e de manicure. A vida já me fechou as portas muitas vezes e não desmoronei devido a isso, além do mais, gosto de estar mais tempo em casa, apesar de que me estejam evitando e, com certeza, escondendo-me coisas.

Não tive outro remédio que acordar a Cecília que reclama e se agita na cama. Sempre foi manhosa para levantar, normalmente precisava de dois ou três tentativas para dissipar sua preguiça, lentamente como uma gatinha. Contudo, ultimamente tem mudado seus costumes: lembra como que movida por um susto, seus olhos se abrem por surpresa e trata de sair da cama rumo ao banheiro onde se enfia no chuveiro feito um zumbi. A espero com a mesa posta e com o sanduiche para o caminho. Pelo simples cheiro, sei que não é de pão integral e justamente devido a esses detalhes, que se acumulam com o passo dos dias, que começo a irritar-me com os meus e sentir suas indiferenças e desprezos. Quantas vezes não lhe disse claramente a Guillermo que Cecília precisa de fibras? Não me parece pedir muito que se atentem a esses detalhes, basta ver a fisionomia de Cecília, anda cansada e com olheiras, é evidente que necessita alimentar-se melhor, ainda bem que ao menos está o copo de leite.

Toma-o com pressa, nem sequer me olha com atenção e quando lhe falo que tenho fé de que hoje algumas portas de emprego se abrirão para ela, tenho a impressão de que quase não me ouve. Hoje resolvi provar essa teoria e lhe perguntei de surpresa:

– Cecília, você pode repetir o que acabo de dizer? – indaguei para demonstrar que a Mamãe está sempre atenta e que existe uma hierarquia que precisava ser respeitada.

Mas, todas suas respostas foram um olhar evasivo e cansado, com o “*pô, mãe, que saco*”, subentendido e em menos de dois segundos já pegava sua mochila e fechava a porta de casa, como se eu a sufocasse. É o que resta depois de anos de dedicação, existem poucas coisas que doem mais que a ingratidão dos filhos. De repente, é como se eu fosse a nota dissonante da casa, de ser o motor e a alma da casa passei a ser um estorvo, somente porque perdi meus clientes e me sinto cansada, talvez um pouco deprimida, fazer o quê...? Mas ao menos exijo respeito e ninguém me tira da cabeça que as coisas andam estranhas nesta casa. Seguramente escondem algo de mim, talvez tenham um plano secreto de colocar-me em uma casa de repouso, de atacar as minhas economias, minha parte no sítio de meus falecidos pais, vá saber, já não duvido de nada.

Decidi então fazer notar a minha ausência em casa para que dessem importância às pequenas tarefas do dia a dia. Mesmo que me custasse, resolvi ignorar nos seguintes dias a pilha de louça que se acumulava na pia da cozinha, a montanha de roupa suja de ambos, o pó sobre os móveis e a comida que ficou fora da geladeira. Que apodreça tudo! Que venham implorar-me para que volte a assumir o timão da casa, que entendam que às vezes são necessárias ordem e disciplina e que digam claramente o que está acontecendo, do porquê de estarem tão abatidos e aflitos. Talvez seja então o momento de dizer-lhes o tanto que os amo, que Guillermo é todo o meu orgulho, que me emociona sua resiliência e sua garra, sua maneira com a qual cuida de Cecília.

Talvez lhe explique a minha filha, com todas as letras neste dia chuvoso, que diferentemente das ilusões do amor e da paixão, o único que ficará para sempre são os valores e o conhecimento. Será isso o que a libertará, o que lhe dará independência e poderá fazer com que sua vida tenha melhores perspectivas que as minhas, porque a maioria dos homens se cansa de nossas carnes com a mesma rapidez com que se enfeitçam, para que um dia não voltem para casa e se depare com um bilhete sobre a mesa e um futuro para sempre amarrado à sobrevivência diária. Que entenda que sou dura por amor, talvez por medo de que se machuque.

Esperei por eles toda a tarde, a casa está desoladamente abandonada. Não há arrumação, não há brilho, não há uma flor, o ar carregado parece contaminado. Custa-me

manter o silêncio, não me rebelar contra a preguiça e a indiferença, noto que estou a ponto de estourar, quando Cecília decidiu preparar um chá. Chegou o momento da ação, porque não tinha mais nenhuma xícara limpa e por fim alguém teria que arregaçar as mangas e começar a lavar a louça. Entretanto, noto que Cecília tem outra coisa em mente: dirige-se até o velho móvel da sala onde se encontra a xícara de porcelana que tinha sido de minha mãe. Foi uma das poucas coisas nas quais insisti na partilha de bens com as minhas irmãs. Não podia permitir que a utilizasse por simples preguiça de lavar as demais, já era o cúmulo do absurdo, da falta de consideração e, com um impulso descontrolado avancei sobre ela aos gritos, a xícara de mamãe não se toca, pentelha descarada!

Com certeza, Cecília não esperava por essa reação de minha parte e, sobressaltada se assustou de tal maneira que a xícara se escapou torpemente de suas mãos e se rompeu em mil pedaços, como a minha alma. Olhamo-nos sem ver-nos, estávamos assustadas com o imprevisto desfecho. Imediatamente, Cecília desatou a chorar, olhou para Guillermo com cara de terror e gritou:

– Foi ela, Guille, tenho certeza, eu a sinto! – disse entre lágrimas, indo para o seu quarto.

Meu filho não duvidou por um só instante sequer a quem acudir primeiramente e assim voltei a ficar sozinha na sala olhando os cacos de vida, solitária e deslocada. Invadiu-me uma tristeza muito grande e fui sentar-me em minha cadeira de balanço ao lado da janela que acumulava gotas de chuva.

– Não estou louca, Guille – a escutava balbuciar entre seu copioso pranto, –temos que fazer algo, por Deus.

Poucos segundos depois Guillermo entrou na sala, creio que procurando algo nas estantes. Tratei de evitar seu olhar, porque suas atitudes indiferentes doem, para que negar? De soslaio notei que regressava ao quarto de Cecília com o Evangelho do tio Alberto em mãos.

– Acalme-se e rezemos juntos, Cecília – disse com voz tão suave e segura que inclusive a mim me trouxe certo alívio e esperança. Lembro que tio Alberto dizia que Jesus sempre é uma boa opção para todas as tristezas.

De longe, escutava suas orações e lentamente repousava minha cabeça sobre o vidro da janela. A noite densa já avançava negra e alta, as luzes da rua geravam uma luz difusa que se distorcia ao encontrar as gotas aderidas, tal como no ônibus quando chorava voltando para a casa. As orações das crianças em meu nome faziam vibrar o vidro suavemente, como o motor do ônibus, um prazeroso e melancólico arrulho. Algumas

gotas gordas desciam tão imprevisíveis como minhas débeis lágrimas. Na janela, não se via meu reflexo, nem meu hálito embaçava o vidro...

Definitivamente algo acontece nesta casa que ninguém quer me contar...

Tanto relaxei, tanto me confortavam as vibrações que vinham do quarto das crianças, tanto pensei em Jesus que em nenhum momento me assombrei ao ver ao meu lado a minha mãe, como se há tempos estivesse esperando por esse momento.

– Venha, minha filha – convidava Mamãe de braços abertos, linda e iluminada como nunca – que em nossa verdadeira casa eu te conto tudo.

Antes de ir, encolhi-me em seu colo, escutando as vozes de meus filhos cada vez mais longe, “Santa Maria, mãe de Jesus...”, acomodando-me em seu calor e em seu amor.

“...Rogai por nós...” pairava no ar como um doce sussurro.

Adormeci pensando que às vezes a morte nos parece um sonho do qual não lembramos ao despertar.

Esclarecimentos

Os livros publicados por Hendrik Wernick nasceram como consequência natural dos trabalhos mediúnicos, aos quais o autor está vinculado desde 2002, quando começou a estudar e a trabalhar com o Espiritismo. Ao longo dos seguintes anos trabalhou em Centros Espíritas e de Umbanda, até fundar, com sua esposa, o Centro Espírita Apométrico Fraternidade da Luz, localizado na periferia de São Paulo, onde executam gratuitamente os trabalhos espirituais.

Diretamente vinculado às obras publicadas está a técnica de psicografia que se baseia em alguns princípios fundamentais do universo espírita:

- O Espiritismo é uma doutrina reencarnacionista, fundada sobre a crença na existência de espíritos e em suas manifestações. Acredita na existência da alma espiritual e imaterial.
- Médiun: pessoa que pode servir de intermediário entre os espíritos e os homens.
- Psicografia: é a capacidade de escrever por si sob a influência/inspiração de um espírito.

No Brasil, o fenômeno da psicografia se difundiu especialmente por meio da obra do médium e filantropo, Chico Xavier, indicado ao Prêmio Nobel da Paz (1982 e 1983) e referência do mundo espírita, autor de mais de 450 livros psicografados, mais de 40 milhões de obras vendidas e traduzidas a 33 idiomas e cujos direitos autorais foram integralmente doados a instituições sem fins lucrativos.

Chico Xavier tinha o dom da psicografia mecânica, na qual o espírito comunicante controla a mão do médium e, por conseguinte, impõe suas palavras e caligrafia. Esse tipo de mediunidade é bastante raro, pois a grande maioria dos médiuns se utiliza da psicografia intuitiva.

Essa forma mais comum, utilizada nas obras **O círculo**, **Norma e eu** e **Três segundos**, busca captar o fluxo mental, o pensamento central do espírito comunicante e o expressa com seus próprios recursos, tanto com relação à terminologia quanto à forma. Para os médiuns, a principal dificuldade nessa técnica é a de discernir entre qual pensamento é seu e qual tem sua origem na mente do espírito. Devido a essa incerteza, alguns escritores, pintores, músicos, etc. das mais diferentes vertentes não sabem que em seus momentos de inspiração podem ser fortemente influenciados por pensamentos de espíritos que trabalham ao seu lado. Existem vários relatos de escritores que comentam que ao fim de

um conto ou de uma obra ficam reticentes em assiná-la, porque sentem que lhes foi ditada o que não as reconhecem como integralmente suas.

Segundo o Espiritismo, todos temos mediunidade latente, sendo em forma de intuições, de visões, de sonhos, de *déjà vu*, de sensações ou de experiências espirituais. Uma vez estudada, educada e desenvolvida, se manifesta de maneira mais concreta: vidência, psicofonia, psicografia, mediunidade de cura, entre outras. Em nenhum momento mediunidade é sinônimo de evolução moral, visto que é uma característica presente em “bons e maus”, honestos e corruptos, crentes e materialistas.

Essas características são exploradas nos contos inspirados pelo espírito Pablo (mentor intelectual e verdadeiro dono da obra), que costumam nascer de situações cotidianas para logo entrarem em labirintos e mistérios da alma imortal, ao evidenciarem conflitos, contradições, preconceitos, revelações e desejos que muitas vezes fazem parte de nossas vidas. O mundo espiritual está mais presente em nosso cotidiano do que podemos imaginar e os contos buscam estabelecer essas pontes, por meio das emoções e da fé raciocinada, do conhece-te a ti mesmo.

Diferentemente da grande maioria das obras espíritas, nas quais a moral e os ensinamentos costumam ser um selo característico, os contos de Pablo e Hendrik Wernick, escritos em espanhol e traduzidos ao português pelo próprio autor, buscam despertar a inquietação dos leitores, fazem soar a campainha interior que adverte que, para a alma imortal, sempre seremos herança de nós mesmos, de nossas ações na roda de reencarnação. Muitas vezes nossa consciência emite sinais que tratamos de ignorar e nos deparamos com verdades que exigirão mudanças fundamentais, que tememos ou postergamos, apesar da evolução espiritual ser sempre individual e intransferível.

“A sementeira é livre, mas a colheita, obrigatória.”

Sobre o autor e as obras

O narrador argentino, mesmo sob a influência do espírito Paulo, sofre os mesmos efeitos que o leitor ao encontrar-se diante dos primeiros incisos de cada conto. Diante da folha em branco, os contos se revelam a cada novo parágrafo, mergulhando em seu próprio mundo íntimo, percorrendo os mesmos tortuosos sendeiros da alma e do autoconhecimento, no caminho cujos desfechos seguem sendo imprevisíveis para o autor até o ponto-final.

Da mesma maneira que a grande maioria dos personagens retratados, o autor tem a idêntica necessidade de decifrar sentimentos ou situações aparentemente superficiais, sintetizar os acontecimentos e emoções, que muitas vezes são simples pensamentos fugazes, tremores internos, verdades escondidas que se acumulam progressivamente enquanto os contos se desenvolvem com vontade própria, incontroláveis.

Todos os direitos autorais serão integralmente doados a instituições sem fins lucrativos, permanecendo sempre a opção de baixar os livros de forma gratuita no site.

O círculo

Composto por 14 contos, **O círculo** abarca temas como o aborto, migrações humanas, resistência diante das ditaduras, adoção e os aproxima ao leitor por meio dos invisíveis fios que são as possibilidades de conexão espiritual, a reencarnação e as leis de causa e efeito, imunes perante o tempo.

No vórtice das tramas, os fatos se sucedem de tal maneira que emergem nos pontos exatos nos quais o livre-arbítrio dos personagens os leva a decisões e consequências, cujas repercussões podem determinar ou explicar as necessidades de evolução espiritual.

Muitas vezes, basta um acontecimento ou um pensamento para iniciar a busca pela espiritualidade.

“Cada leitor se encontra a si mesmo.”

(Marcel Proust)

Norma e eu

Edição composta de 13 contos, **Norma e eu** segue a linha do volume anterior, incorporando temas, como a saúde mental, os preconceitos, os vícios, a fé e a reforma íntima em contos situados em distintas épocas.

Mesmo que às vezes de maneira aparentemente involuntária, os personagens descritos são conduzidos até bifurcações da vida, nas quais sempre existe a possibilidade de escolher caminhos que levam à cura da alma ou à sua derrubada. Da mesma maneira que um grão de areia pode retratar uma série de leis físicas, às vezes, certos conflitos e suas decisões, por mais simples que pareçam, escondem tendências que revelam nossa verdadeira face.

Ao final, sempre nos encontraremos diante da nossa implacável consciência.

“É sincera uma fé que não atua?”

(Racine)

Três segundos

No terceiro livro, **Três segundos**, também composto por 14 contos, os autores incluem temas universais e concretos, como guerras, fome, política e enfermidades, assim como características humanas, como o machismo, a fé (sempre presente), o perdão e a vida após a morte.

Apoiados na fé raciocinada, os autores buscam incentivar o desenvolvimento espiritual, individual e intransferível, com uma cadeia de pensamentos, descobrimentos e associações dos personagens, que podem despertar no leitor o ânimo e a coragem de conhecer e de se unir à fé.

O aprendizado não tem limites, mas a fé somente vale a pena se gera mudanças frutíferas.

“O que é verdadeiramente imoral é haver desistido de si mesmo.”

(Clarice Lispector)

Centro Espírita Fraternidade da Luz

O Centro Espírita Apométrico Fraternidade da Luz, fundado pelo autor e sua esposa, está localizado no bairro da Pedreira (ver www.hwcuentos.com), periferia da zona Sul de São Paulo. Seus trabalhos gratuitos são variados, da cirurgia espiritual até trabalhos de Desobsessão, Apometria, Cromoterapia, Psicografia, além de palestras e cursos relacionados ao universo Espírita, da Apometria e do Desenvolvimento Mediúnico.

Em suas humildes instalações, as sessões são realizadas por um grupo de médiuns formados pelo próprio Centro. Essa sempre foi a sua filosofia, pois prima pela proximidade aos necessitados e pela união, desenvolvimento e harmonia entre médiuns e assistidos, tendo como Norte os ensinamentos de Jesus e a fé de cada indivíduo como chave das saúdes físicas, emocionais e espirituais.

A terapia espiritual não é invasiva, atua somente sobre os corpos espirituais dos pacientes e de nenhum modo substitui o tratamento médico, que deve seguir de acordo com o determinado pelos clínicos. Em realidade, ambas as terapias se complementam, visto que o Espiritismo parte do princípio de que o espírito adoece antes que o corpo e é precisamente ali que intervém.

Contato: www.hwcuentos.com